

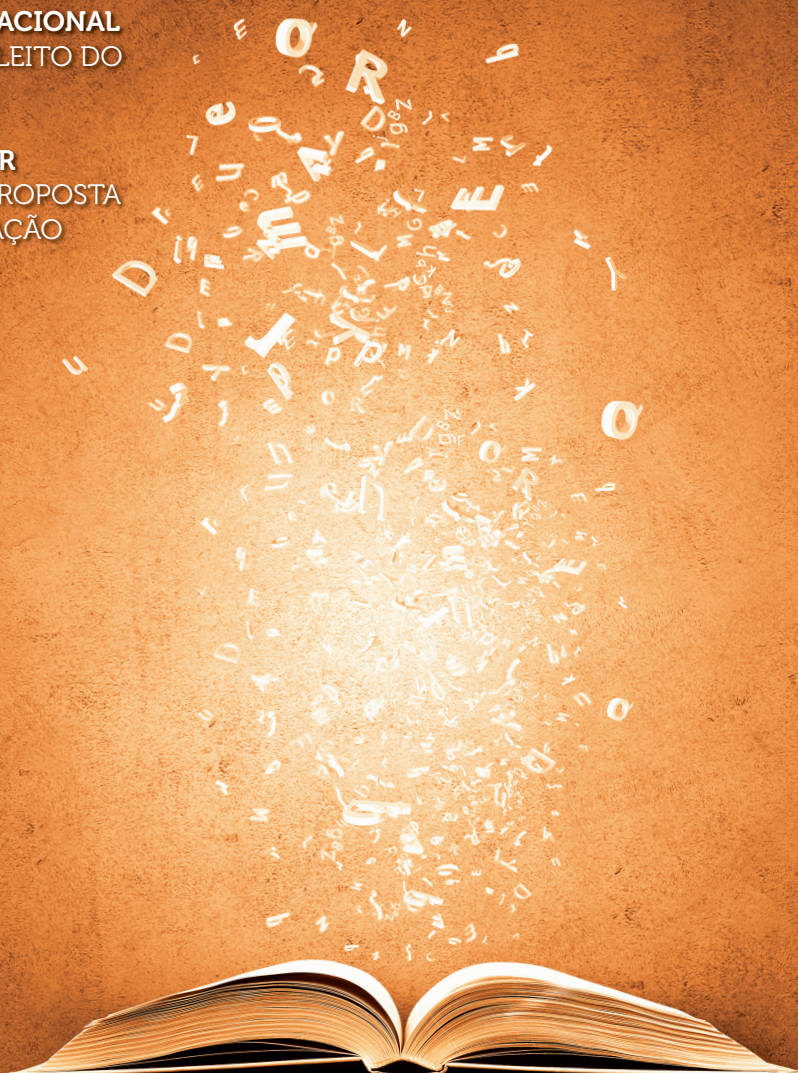


## Sucesso e esquecimento

POR QUE ALGUNS AUTORES SÃO RECONHECIDOS EM VIDA E DEPOIS IGNORADOS, E OUTROS PASSAM A SER LIDOS E ESTUDADOS SOMENTE APÓS A MORTE?

**CIÊNCIA TRANSLACIONAL**  
DA BANCADA AO LEITO DO PACIENTE

**ENSINO SUPERIOR**  
CONHEÇA UMA PROPOSTA DE DEMOCRATIZAÇÃO

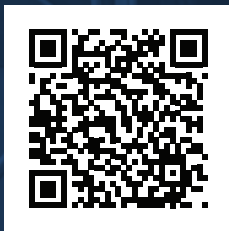


# livraria unesp móvel



Livros por todos os caminhos

Adaptada sobre um caminhão, a livraria tem percorrido diversos Campus da Unesp desde sua inauguração, em 2012.



Acesse nossa agenda e veja quando ela passará em sua unidade!

[www.editoraunesp.com.br/livraria\\_movel](http://www.editoraunesp.com.br/livraria_movel)

[livrariamovel@editora.unesp.br](mailto:livrariamovel@editora.unesp.br)

## Conheça também:

### Livraria Unesp

Pça. da Sé, 108 – São Paulo/SP  
2ª. a 6ª. das 9h às 19h  
Sábados das 9h às 13h  
[livraria@editora.unesp.br](mailto:livraria@editora.unesp.br)

### Livraria Unesp Virtual

Referência on line em livros universitários  
[livrariavirtual@editora.unesp.br](mailto:livrariavirtual@editora.unesp.br)  
[www.livrariaunesp.com.br](http://www.livrariaunesp.com.br)



livraria  
unesp  
móvel



livraria  
unesp



Governador

Geraldo Alckmin

Secretaria de Desenvolvimento  
Econômico, Ciência, Tecnologia  
e Inovação

Márcio França

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor

Julio Cezar Durigan

Vice-reitora

Marilza Vieira Cunha Rudge

Pró-reitor de Administração

Carlos Antonio Gamero

Pró-reitor de Pós-Graduação

Eduardo Kokubun

Pró-reitor de Graduação

Laurence Duarte Colvara

Pró-reitora de Extensão Universitária

Mariângela Spotti Lopes Fujita

Pró-reitora de Pesquisa

Maria José Soares Mendes Giannini

Secretária-geral

Maria Dalva Silva Pagotto

Chefe de Gabinete

Roberval Daiton Vieira

Assessor-chefe da Assessoria de

Comunicação e Imprensa

Oscar D'Ambrosio


 editora  
unesp  
fundação

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-presidente

Jézio Hernani Bomfim Gutierrez

Editor-executivo

Túlio Kawata

Superintendente administrativo e financeiro

William de Souza Agostinho



unespciencia

Diretor de redação Oscar D'Ambrosio

Arte Hankó Design (Ricardo Miura)

Assistente de arte Andréa Cardoso

Colaboradores Admilson Irio Ribeiro, Benedito Antunes,

Danúbia de Paula Oliveira, Gerson Araújo de Medeiros,

Heloísa Raimunda Herneck, Jean Marc Georges Mutzig, João

Fernando Finazzi, Joane Vilela Pinto, José Abílio Ferreira,

Lais F. Thomaz, Klaus Schlünzen Junior, Leandro Rocha, Luiz

Gonzaga Marchezan, Ney Lemke, Oscar D'Ambrosio, Regina

Márcia Longo, Sandra Flores Gutierrez, Valdemir Pires, Sílvia

Giulianti Winter, Victor Augusto Ramos Missiati, William

Daldegan (texto); Gui Gomes, Daniel Patire (foto)

Revisão Maria Luiza Simões

Projeto gráfico Hankó Design (Ricardo Miura)

Produção Mara Regina Marcato

Apoio de internet Marcelo Carneiro da Silva

Apoio administrativo Thiago Henrique Lúcio

Endereço Rua Quirino de Andrade, 215, 4ª andar, CEP

01049-010, São Paulo, SP, Tel. (11) 5627-0327.

www.unespciencia.com.br;

revistaunespciencia@reitoria.unesp.br

Impressão Coan Gráfica

Tiragem 6 mil exemplares

É autorizada a reprodução total ou parcial de textos e imagens desde que citada a fonte. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da Universidade.

# Nova estratégia nas mídias sociais

A revista **unespciencia** renovou sua estratégia digital para acompanhar as mudanças na comunicação, cada vez mais voltada aos meios eletrônicos. Estamos, em parceria com a empresa de marketing digital Aoki Media, dirigida por egressa da Universidade, distribuindo nossos conteúdos no Facebook, Twitter e YouTube, com periodicidade mínima de três vezes por semana. Como as pessoas estão cada vez mais conectadas, o objetivo é que o conteúdo de qualidade da revista chegue da melhor maneira ao público on-line.

É possível interagir diretamente com os canais da **unespciencia**. Queremos ouvir suas dúvidas, comentários e sugestões. Nesse sentido, estamos desenvolvendo ações exclusivas para o Facebook e o Twitter, como divulgação de fotos extras de cada edição, bem como ações em datas comemorativas. Estamos atentos à migração dos leitores para os dispositivos móveis e procuramos acompanhar essa tendência.

Nesta edição da revista, leia textos sobre democratização do ensino superior, ciência translacional, Ano Internacional dos Solos, razões de permanência ou não de autores na história da literatura brasileira, acordos climáticos, desafios para o etanol brasileiro, sonda New Horizons, contemporaneidade latino-americana, estado mexicano, programa teletandem, Década Internacional dos Afrodescendentes, relações entre casamento e moral, filme de Ettore Scola sobre Federico Fellini, música erudita na atualidade, apresentação da ópera *La Serva Padrona* no nosso Instituto de Artes, em São Paulo, SP, e o difícil momento econômico do Brasil.

Acompanhe as novidades curtindo e seguindo os canais da **unespciencia**:

<https://www.facebook.com/revistaunespciencia>

<https://twitter.com/unespciencia>

Boa leitura!



6

**ENSINO**

A Universidade no CEU: Uma Proposta de Democratização do Ensino Superior

JEAN MARC GEORGES MUTZIG, JOANE VILELA PINTO e KLAUS SCHLÜNZEN JUNIOR



8

**ENTREVISTA**

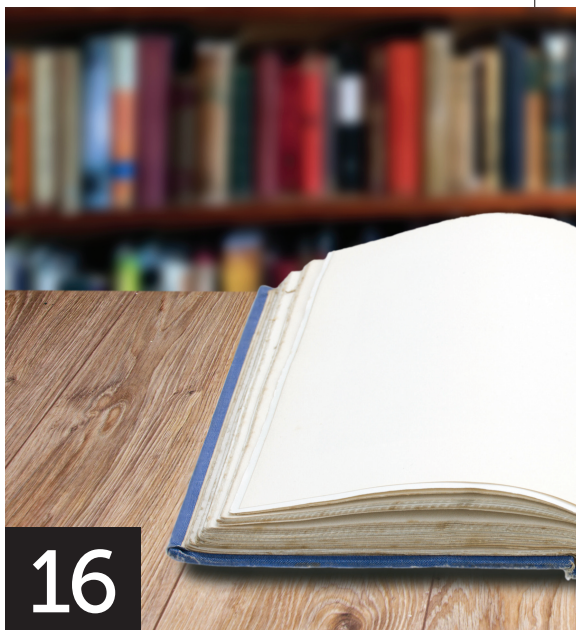
Da bancada ao leito do paciente  
BENEDITO BARRAVIERA



24

**ENERGIA**

Desafios para o etanol brasileiro  
LAÍS F. THOMAZ



16

**LITERATURA**

A alternância entre sucesso e esquecimento  
BENEDITO ANTUNES

26

**ASTRONOMIA**

Plutão e Caronte vistos de perto  
SILVIA GIULIATTI WINTER  
A Ciência na era das mídias sociais  
NEY LEMKE



30

**HISTÓRIA**

A contemporaneidade latino-americana em tempos democráticos  
VICTOR AUGUSTO RAMOS MISSIATO

32

**MÉXICO**

O narcotráfico mexicano  
JOÃO FERNANDO FINAZZI  
O sistema penitenciário  
SANDRA FLORES GUTIERREZ





14

**AMBIENTE**

Ano Internacional dos Solos

ADMILSON IRIO RIBEIRO  
GERSON ARAÚJO DE MEDEIROS  
REGINA MÁRCIA LONGO



38

22

**CLIMA**

Pormenores dos acordos climáticos

WILLIAM DALDEGAN



46

**ARTE E CULTURA**

Reflexão sobre a música erudita na atualidade

OSCAR D'AMBROSIO



**DOSSIÊ**

**AFRODESCENDENTES**

Legislação e educação étnico-racial – A representação do negro no livro didático

DANÚBIA DE PAULA OLIVEIRA e HELOÍSA RAIMUNDA HERNECK Ladeiras da Memória: uma narrativa paulistana  
JOSÉ ABILIO FERREIRA

42

**FILOSOFIA**

Casamento e moral

BERTRAND RUSSELL

BERTRAND RUSSELL

*Casamento e moral*



44

**CINEMA**

Scola conta Fellini

LUIZ GONZAGA MARCHEZAN

48

**FOTO DO MÊS**

La Serva Padrona  
DANIEL PATIRE



50

**OPINIÃO**

Manadas e futuro

VALDEMIR PIRES



36

**PESQUISA**

Estudo analisa e descreve interações no programa teletandem



© Daniel Paetre

# A Universidade no CEU: Uma Proposta de Democratização do Ensino Superior

PARA 2016, SERÃO MAIS 700 VAGAS PARA O CURSO DE PEDAGOGIA E 500 VAGAS PARA CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

**D**e 24 a 26 de julho de 2015, a Universidade Estadual Paulista – Unesp viveu o processo de matrícula de 900 calouros para o curso de Pedagogia que atuam como professores em escolas públicas e privadas e que buscam a formação profissional para o trabalho docente. A grande maioria deles sem um diploma de curso superior, mas que desempenham atividades em escolas das mais diversas localidades da região metropolitana de São Paulo. À primeira vista, poderíamos imaginar que uma cidade como São Paulo pudesse por si só atender a uma demanda de formação de professores sem muita dificuldade. Ledo engano. Conversando com os futuros professores no ato de sua matrícula, identificamos regiões da capital paulista, como Cidade Tiradentes com

mais de 220 mil habitantes, que não possuem ofertas de ensino superior público.

O orgulho e a felicidade expressos pelos calouros, durante o período das matrículas, definem muito bem a concretização de um sonho, ou seja, cursar uma universidade pública que é custeada por recursos da sociedade e, portanto, com o dever de oferecer à comunidade que a sustenta o melhor em educação. No entanto, faltavam-lhe opções que pudessem ampliar as possibilidades de acesso.

A parceria estabelecida pela Unesp com a Prefeitura de São Paulo e o sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB/Capes) oportuniza essa ampliação. Juntas, a academia, a entidade que oferece a infraestrutura e o sistema de fomento, viabilizam uma das mais expressivas

formas de levar educação superior de qualidade para as comunidades carentes. O projeto Universidade no CEU, uma feliz denominação para indicar que o ensino superior chega aos Centros de Educação Unificada (CEU) da Prefeitura de São Paulo, é o motor para levar ensino superior para as 32 localidades atendidas pelos referidos Centros. Vale destacar que a viabilização de um projeto de tamanha importância só é possível com a conciliação de investimentos da Prefeitura de São Paulo nos CEU de maneira a torná-los polos com infraestrutura completa e moderna, o que permite que a Universidade possa atuar com seu corpo docente, de maneira a levar o conhecimento às pessoas atendidas por essa estrutura. Por sua vez, o sistema UAB da Capes viabiliza recursos financeiros para a Unesp ampliar sua contribuição para a formação de professores, em 2015, com mais 900 vagas ofertadas.


Para 2016, serão mais 700 vagas para o curso de Pedagogia e 500 vagas para cursos de pós-graduação (*lato e stricto sensu*). Ao todo, são 2.100 vagas para o ensino superior criadas pela Unesp na Universidade no CEU com o fomento do Sistema UAB da Capes, número que representa para a Universidade uma expressiva ampliação em torno de 20% das vagas oferecidas anualmente nos cursos presenciais. O modelo desta parceria pode significar uma profícua ação a ser conduzida para criar uma valiosa oportunidade de educação para pessoas que, por algum motivo, encontram-se privadas de acesso ao ensino superior público. É importante salientar que, junto com a Unesp, outras instituições de ensino superior integrantes do Sistema UAB compartilham da Universidade no CEU, o que cria uma forte participação das universidades nas comunidades. Aí está a riqueza da parceria e o seu valor diante de um País que precisa de novas formas para levar educação para os brasileiros.

Todo este cenário é um importante indicador de que o trabalho em conjunto das instituições envolvidas pode viabilizar uma ampliação de acesso que não se resume apenas no aumento de vagas, mas, sobretudo, na união



Projeto mostra que é possível melhorar a educação, ampliar ofertas e dar uma perspectiva para a construção de novos ambientes de aprendizagem

## O TRABALHO EM CONJUNTO DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS PODE VIABILIZAR UMA AMPLIAÇÃO DE ACESSO QUE NÃO SE RESUME APENAS NO AUMENTO DE VAGAS

de esforços para o oferecimento de cursos de qualidade, com professores autores renomados, com o emprego das tecnologias digitais – no caso da Unesp, desde 2014, incorpora todos os recursos de acessibilidade – que, portanto, viabilizam a participação com autonomia e independência de pessoas com deficiência. Aliado a tudo isso, o apoio do Sistema UAB da Capes e uma infraestrutura física e de recursos nos polos (os CEU) que nada deixam a desejar às unidades universitárias da Unesp, criando excelentes condições de estudo para os cursistas. Unir esforços e compartilhar recursos, como o exemplo da Universidade no CEU, indicam que é possível melhorarmos nossa educação, ampliarmos ofertas e darmos uma perspectiva para a construção de novos ambientes de aprendizagem. 

**Jean Marc Georges Mutzig**  
Diretor de Educação a Distância (DED/CAPES)

**Joane Vilela Pinto**  
Diretora de Operações Técnicas – DOT  
Secretaria de Educação do Município de São Paulo

**Klaus Schlünzen Junior**  
Professor livre-docente em Informática e Educação da Unesp  
Coordenador do Núcleo de Educação a Distância da Unesp

# Da bancada ao leito do paciente

Texto de Leandro Rocha

PESQUISADOR EXPLICA COMO SE INTERESSOU POR INVESTIGAR VENENOS DE ANIMAIS PEÇONHENTOS E APRESENTA SUA VISÃO SOBRE OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS CIENTISTAS, PRINCIPALMENTE OS QUE SE DEDICAM À CIÊNCIA TRANSLACIONAL

O riunda do inglês *translational medicine*, também conhecida como “translational science”, a ciência translacional é o ramo da pesquisa que procura conectar diretamente a investigação científica básica ao tratamento, indo da “bancada ao leito do paciente” – *from bench to the bedside*. Apesar de ser um conceito relativamente novo, alguns pesquisadores da Unesp já estão envolvidos com projetos desse tipo há décadas. É o caso de Benedito Barraviera, professor do Departamento de Doenças Tropicais e Diagnóstico por Imagem da Faculdade de Medicina (FMB), Câmpus de Botucatu, e fundador do Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos da Unesp (Cevap).

Barraviera coordena dois grandes projetos que terão impacto no Sistema Único de Saúde (SUS): o selante de fibrina (que facilita a cicatrização de feridas venosas crônicas) e o soro antiapílico (antiveneno para picada de abelhas africanizadas). São pesquisas que já resultaram em produtos que estão prontos para ser testados em seres humanos. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) já deu anuência para o início dos ensaios clínicos. Estamos aguardando o depósito da patente e a resposta final da Anvisa, que já priorizou a sua análise técnica.

**UC** Por que o senhor se interessou em pesquisar venenos de serpentes?

**BENEDITO BARRAVIERA** Meus projetos de Mestrado e Doutorado foram desenvolvidos na área de Malária em Humaitá, no Estado do Amazonas, sob orientação do professor Domingos Alves Meira, falecido em 2012. Era a época

de transição entre a Ditadura e a Democracia; por conflitos de interesse lamentavelmente o Projeto Malária foi encerrado em 1986. Assim, precisei buscar uma nova alternativa de pesquisa para me dedicar. Durante um plantão no Hospital das Clínicas em Botucatu, atendi um paciente procedente de Laranjal Paulista (SP) vítima de picada de cascavel. Durante a infusão do soro, o paciente evoluiu para o choque anafilático com edema de glote e insuficiência respiratória. Eu sabia, pela teoria, que não daria para entubá-lo devido ao edema da glote. Para salvá-lo teria que ser feita uma

traqueostomia de urgência. Corri ao telefone, liguei para o Centro Cirúrgico, mas o cirurgião de plantão estava em campo e não podia me ajudar. Decidi fazer a traqueostomia! Peguei o bisturi, sem qualquer anestesia, e cortei o pescoço do paciente no local que eu achava adequado – este imediatamente voltou a respirar, e foi salvo! Foi a noite mais estressante da minha carreira como médico!

Infelizmente, dias depois o doente faleceu por insuficiência renal e hepática, tendo sido encaminhado para a necropsia. Foi quando o professor Mário Rubens Guimarães Montenegro, um dos fundadores da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu, hoje FMB-UNESP, me chamou e disse que nunca tinha visto lesão de fígado ser causada por picada de cascavel. Ele sugeriu que eu descrevesse o achado e fizesse uma pesquisa para descobrir por que certos pacientes têm lesão de fígado após picada de cascavel. Acabei publicando os resultados sobre esse assunto – o primeiro artigo da literatura médica na época.

**SELANTE DE FIBRINA E SORO ANTIAPÍLICO TERÃO IMPACTO NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE**



© José Alberto Conte Junior



Comemoração:  
Lançamento do livro *Venenos animais: uma visão integrada*, em 1994, na Reitoria da Unesp, em São Paulo, SP. Da *esq.* para a *dir.*: Prof. Jorge Jim – vice-diretor do Cevap (in memoriam), Benedito Barraviera – diretor do Cevap, Arthur Roquete de Macedo – vice-reitor da Unesp, Paulo Milton Barbosa Landim – reitor da Unesp, Carminda da Cruz Landim – diretora do Instituto de Biociências de Rio Claro, Amilton Ferreira – presidente da Fundunesp

**UC** Em que momento sentiu que haveria espaço na Unesp para a criação do Cevap?

**BARRAVIERA** Quando fui desenvolver minha livre-docência, aceitei o conselho do professor Montenegro que havia sugerido que fosse ao Instituto Butantan, pedisse um pouco de veneno de cascavel e fizesse alguns testes em animais para comprovar as lesões hepáticas observadas no doente que falecera. Seria o tema, já que não havia nada descrito na literatura. Não consegui, uma vez que o país vivia uma séria crise de falta de soro e toda produção de veneno era utilizada. Foi a primeira vez que percebi a necessidade de montar um serpentário para produção de veneno para pesquisa. Mais tarde, como presidente da Associação dos Médicos Plantonistas, em uma reunião na Reitoria, o professor do Instituto de Biociências de Botucatu Fausto Foresti me disse que a Universidade estava montando centros de excelência. Mas tinham que ser “projetos grandes”, completou o professor. Surgiu assim a ideia de estruturar um serpentário, embrião que viria a ser no futuro o Cevap.

**UC** Quando o senhor descobriu que era possível realizar ciência translacional?

**BARRAVIERA** Para constituirmos o embrião do Cevap unimos um grupo multidisciplinar,

formado por pesquisadores das unidades de Botucatu, Rio Claro e Araraquara, onde havia profissionais que trabalhavam com animais peçonhentos. Já sabíamos que faríamos, neste novo centro, ciência translacional. A ideia inicial era produzir insumos a partir das toxinas extraídas dos animais peçonhentos. Em 1993, após muitas idas e vindas, foi aprovada, pelo Conselho Universitário da Unesp, a criação do Cevap. O primeiro projeto de ciência translacional foi o do selante de fibrina. Ao realizar exames laboratoriais no sangue dos pacientes picados por cascavel, por conta da pesquisa sobre lesão de fígado, descobrimos que o sangue deles ficava incoagulável. Sabia-se da literatura que existia uma enzima no veneno da cascavel que consumia fibrinogênio. Um dia, durante uma reunião do grupo, o Dr. Fábio Cardoso Iuan, hemoterapeuta já falecido, levantou a seguinte possibilidade: se o veneno da cascavel consome o fibrinogênio, por que a gente não produz uma cola misturando esta fração com crioprecipitado? Então, colhemos veneno bruto de cascavel, que extraímos no próprio serpentário do Cevap, e levamos até o laboratório do Dr. Fábio, no Hemocentro de Botucatu, para misturar o veneno ao crioprecipitado em fibrinogênio. Notamos que se formou uma geleia, que seria a futura

cola de fibrina, hoje denominada de selante de fibrina. A dificuldade era extrair a enzima do veneno para posteriormente testar em animais e depois em seres humanos. A atual pró-reitora de Pesquisa, Maria José Soares Mendes Giannini, docente do Câmpus de Araraquara, se dispôs a extrair a enzima em seu laboratório, com recursos próprios, diga-se de passagem. Começamos assim a utilizar a enzima para fazer a cola de fibrina e demos início ao projeto. Hoje, com elevada tecnologia disponível, o atual selante heterólogo de fibrina, que já está na sua segunda geração, é projeto estratégico do Sistema Único de Saúde (SUS) e financiado pelo Departamento de Ciência e Tecnologia (Decit) do Ministério da Saúde. Já se passaram 25 anos de muito trabalho. Felizmente, hoje temos o domínio da tecnologia necessária para produção em larga escala.

**UC** Quais são os desafios da ciência translacional?

**BARRAVIERA** Um dos problemas da ciência translacional é o tempo que leva para desenvolver um produto – em geral de 15 a 25 anos e recursos da ordem de um bilhão de dólares! Outro é que o pesquisador da área básica muitas vezes descobre a “molécula candidata”, mas tem receio de ceder o material para que seja desenvolvido o produto. Se ele ceder e ela funcionar, passará a ser usada em pacientes. Nesse caso, o pesquisador acredita que haverá desinteresse na pesquisa básica, em detrimento da aplicada. Outro motivo é que, se não der certo, o pesquisador perdeu anos de trabalho. Isto é um grande engano: quando o produto estiver em desenvolvimento a pesquisa básica será fundamental para explicar a fisiopatologia, bem como os mecanismos de ação da molécula. Por outro lado, há muitos produtos bons nas prateleiras sem quem os desenvolva, especialmente se a descoberta estiver relacionada com as doenças negligenciadas. Ter uma patente não significa ter o produto. Ele precisa ser desenvolvido e passar por uma série de análises antes de ser testado em seres hu-



© Arquivo pessoal

manos. Só aí, após vários ensaios clínicos, se terá um produto acabado. Deve ser salientado que a pesquisa básica é fundamental para se aprovar o ensaio clínico e o registro do produto pelas agências regulatórias.

Inauguração da sede provisória do Cevap na Unesp, no Câmpus de Rubião Junior, em 1995

**UC** Qual é sua opinião sobre a Lei de Inovação?

**BARRAVIERA** Os investimentos necessários para o desenvolvimento de um produto da bancada ao paciente são da ordem de bilhões de dólares e muito tempo de pesquisa. As indústrias farmacêuticas mundiais precisavam otimizar recursos financeiros. Assim, na década de 80, nos EUA, a indústria convenceu o Congresso Americano a promulgar uma lei que tinha por objetivo acelerar a tradução da pesquisa básica, financiada com impostos públicos, em produtos novos – um processo conhecido na época por “transferência de tecnologia”. Esta lei ainda permitiu que universidades, instituições públicas e até empresas de pequeno porte pudessem patentear descobertas decorrentes de pesquisas patrocinadas pelo NIH – National Institutes of Health –, o principal distribuidor de recursos públicos dos EUA. Assim, toda vez que um cientista descobrisse algo com potencial aplicação ele poderia ser patenteado e a seguir concedida a licença exclusiva aos laboratórios farmacêuticos. Esta história se

repetiu mundo afora. No Brasil, em 2004, o Congresso Nacional aprovou a Lei n. 10.973, de 2 de dezembro de 2004, que dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo. Esta lei ficou conhecida como “Lei de Inovação”. A partir de então toda instituição de pesquisa pública ou privada foi obrigada a criar o seu Escritório de inovação e transferência de tecnologia. Esta é a primeira lei brasileira que trata do relacionamento entre as Instituições de Pesquisa e as Empresas. A partir de recursos públicos, estas instituições disponibilizam “sua vitrine” de descobertas, designadas elegantemente de “agências de inovação”, e colocam à disposição das Empresas para o acabamento final e posterior comercialização. No âmbito da indústria farmacêutica, que tem especial interesse pelas descobertas aplicáveis em doenças crônicas de longo prazo, na beleza e no bem-estar do ser humano, esta seleciona o que é de interesse lucrativo imediato e descarta as demais descobertas. Se por um lado esta lei veio permitir a proteção acadêmica às novas descobertas, bem como a transferência da tecnologia para a indústria, por outro criou a cultura de que basta descobrir que a indústria farmacêutica fará o resto. O tempo mostrou que isto não é verdade. Atualmente, na Europa e nos EUA só se patenteia quando o produto chega à fase de ensaio clínico, devido aos custos elevados. Hoje, há poucas instituições que desenvolvem produtos, por falta de recursos. As doenças negligenciadas, por exemplo, não têm financiamento para desenvolvimento de medicamentos. Muitos pesquisadores descobrem “moléculas candidatas”, com potencial para determinadas doenças, mas que não são desenvolvidas por falta de financiamento. O Ministério da Saúde, por meio do Departamento de Ciência e Tecnologia (Decit), há cinco anos iniciou um projeto inovador de apoio ao desenvolvimento de produtos como o incentivo aos projetos do selante de fibrina e do soro antiapilíco. Estes investimentos deram um impulso significativo no desenvolvimento e na produção destes insumos, considerados

estratégicos para o SUS. Essas ideias precisam ser estimuladas e aprimoradas, haja vista que as indústrias farmacêuticas não irão investir em problemas negligenciados, embora estratégicos para o país.

**UC E o soro antiapilíco? Como foi essa história?**

**BARRAVIERA** Durante o verão, quando se registram elevadas temperaturas e os temporais são mais frequentes, aumenta a probabilidade de as pessoas sofrerem um tipo especial de acidente que pode ser fatal: ataque de abelhas africanizadas. Dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) do Ministério da Saúde apontaram 12.660 mil casos em 2014 com 34 mortes em todo o Brasil!

O mais recente ataque de abelhas ocorrido em Botucatu foi registrado no dia 9 de fevereiro de 2015. Um paciente de 80 anos acabou morrendo dois dias após ter sido picado por aproximadamente 300 abelhas em uma propriedade rural do município. Ele foi prontamente atendido no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu – Unesp, mas não resistiu à ação do veneno em seu organismo, apesar de ter recebido todos os cuidados avançados de tratamento na Unidade de Terapia Intensiva da instituição.

Esse cenário seria outro se tivéssemos disponível nos hospitais da rede pública o soro antiapilíco, que pudesse neutralizar o veneno e aumentar as chances de sobrevivência a um ataque maciço. Acreditamos que em breve teremos outro cenário para estes acidentes, haja vista que o nosso produto, que está em vias de entrar em ensaio clínico, tem pelo menos 15 anos de desenvolvimento. É interessante salientar que as pesquisas iniciais e de desenvolvimento foram conduzidas por um ex-aluno da nossa Pós-graduação que hoje é Coordenador do Cevap – soluções necessitam de vontade e investimentos a longo prazo! As pesquisas básicas foram realizadas no Centro, embora o desenvolvimento do produto tenha sido realizado em parceria com o Instituto Vital Brazil, de Niterói (RJ). A Conep (Comissão Nacional de Pesquisa) já aprovou o início dos



ensaios clínicos. Estamos aguardando a resposta final da Anvisa, que já priorizou a sua análise técnica.

**UC** O que o senhor visualiza em termos de futuro para o Cevap?

**BARRAVIERA** Esta resposta merece pelo menos duas reflexões. A primeira é que o atual grupo de pesquisadores do Cevap cresceu dentro da filosofia da ciência translacional, ou seja, o respeito e a prática pela multidisciplinaridade! O Cevap só fará inovação e desenvolverá produtos se o ambiente for multiprofissionalizado; se houver prestígio dos participantes; se souber preparar, submeter e vencer editais; se tiver sensibilidade para administrar a equipe; se souber onde quer chegar respeitando etapas; se não fugir do foco; se estabelecer parcerias competentes; se dividir o sucesso alcançado; se for o diretor do filme, não o ator. No momento existem dezenas de projetos em andamento, com inúmeras oportunidades de desenvolvimento de ideias e novos produtos. Se esta filosofia for mantida ao longo dos próximos 20 anos, não há dúvida de que este Centro continuará sendo um sucesso e contribuirá

para solucionar problemas estratégicos do país.

A outra resposta reflexiva diz respeito ao futuro do país, em particular das Universidades públicas. Neste caso, o modelo vigente vive seus estertores, ou seja, está praticamente esgotado. São necessárias novas alternativas de financiamento, em especial na infraestrutura e na contratação de técnicos e pesquisadores. Este comportamento já está implantado há muitos anos em países desenvolvidos. Precisamos convencer nossas agências de fomento de que a contrapartida universitária deixou de existir! Haverá necessidade de profundas mudanças de conceito dos financiamentos públicos. Projetos considerados estratégicos deverão apoiar não somente o custeio e o capital, mas também a construção e a contratação de mão de obra qualificada. Caso isso não ocorra num curto espaço de tempo, as Universidades públicas sobreviverão e manterão apenas a graduação. A inovação e o desenvolvimento de soluções para o país não terão espaço, em decorrência das aposentadorias e da não ocupação desses claros pelos jovens doutores. Esta discussão é urgente e se estes paradigmas não forem modificados o futuro acadêmico do país é incerto! **UC**

Inauguração da sede definitiva do Cevap no Câmpus da Fazenda Experimental Lageado, em 2005. Da *dir.* para a *esq.*: Benedito Barraviera – pesquisador do Cevap, Sílvia Regina C. S. Barraviera – diretora do Cevap, Leonardo Theodoro Bull – diretor da Faculdade de Ciências Agrônomicas, dois representantes do Santander, Ary Fernandes Junior – vice-diretor do Cevap, e representante do Santander



© Cui Gomes

# Ano Internacional dos Solos

CONCEITO  
É MANTER E  
PRESERVAR ESSE  
RECURSO NÃO  
RENOVÁVEL

O ano de 2015 foi escolhido pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) como o ano internacional dos solos. A ideia de se comemorar essa data não representa a organização de grandes festividades e sim um alerta para que todos os povos entendam a importância de se manter e preservar esse recurso não renovável. Uma boa definição para não renovável está no sentido de que sua perda e degradação não é recuperável no tempo de uma existência humana, e mesmo assim o solo é muitas vezes ignorado pela maioria das pessoas e entidades públicas.

Estima-se que hoje 33% (trinta e três por cento) dos solos do planeta estão moderadamente a altamente degradados devido à ação antrópica que para manter as economias desenvolvidas e emergentes promove a erosão, a salinização, a compactação, a acidificação e a contaminação química dos solos. O Brasil nesse cenário parece estar bem desenvolvido e apresenta cada

vez mais áreas degradadas. O próprio Ministério do Meio Ambiente destacou que o Brasil possui áreas com solos mediamente degradados que correspondem a duas vezes o tamanho do território da França ou a dois Estados de Minas Gerais.

Buscando minimizar a crescente degradação dos solos, a campanha do ano internacional dos solos foi elaborada em torno de seis temáticas básicas com o objetivo de apresentar para todos os interessados as várias maneiras pelas quais todos nós dependemos dos solos. As temáticas básicas são: 1. Solos saudáveis são a base para a produção de alimentos e pessoas saudáveis; 2. Os solos são a base para a vegetação que cresce e produz alimentos, fibras, combustível e medicamentos; 3. Os solos sustentam a biodiversidade do planeta e abrigam um quarto dela; 4. Os solos ajudam a combater e se adaptar às mudanças climáticas devido ao seu papel fundamental no ciclo de carbono; 5. Os solos armazenam



**Admilson Irio Ribeiro** é professor de recuperação de áreas degradadas no Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais da Unesp, Câmpus de Sorocaba. E-mail: [admilson@sorocaba.unesp.br](mailto:admilson@sorocaba.unesp.br)

**Gerson Araújo de Medeiros** é professor de gestão ambiental no Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais da Unesp, Câmpus de Sorocaba. E-mail: [gerson@sorocaba.unesp.br](mailto:gerson@sorocaba.unesp.br)

**Regina Márcia Longo** é professora de manejo de solos urbanos no Programa de Pós-graduação em Sistemas de Infraestrutura Urbana PUC-Campinas. E-mail: [regina.longo@puc.com.br](mailto:regina.longo@puc.com.br)

água filtrada melhorando nossa capacidade de combater as inundações e secas; e 6. O solo é um recurso não renovável, sua conservação é essencial para a segurança alimentar e o futuro sustentável das nações.

Dentro dessas temáticas básicas apresentadas eu ousaria dizer que, em última instância, os solos ainda se transformam no receptáculo para os rejeitos humanos onde alguns acreditam que gerações futuras poderão resolver os problemas do presente.

Nesse escopo surge então uma pergunta natural: Como podemos preservar e proteger os nossos solos? Muitas ações podem ser feitas em vários níveis organizacionais e até mesmo no nível pessoal para promover a gestão sustentável dos solos e mantê-los saudáveis para futuras gerações. Educação, programas de extensão eficazes e a promoção de tecnologias apropriadas desempenham um papel fundamental nesse aspecto.

Dentre outras ações incluem-se maiores práti-

cas de gestão e investimentos dos governos para a adaptação e mitigação dos solos degradados, juntamente com uma legislação forte e rigorosa no desenvolvimento de políticas inclusivas por parte dos governos. Outro aspecto envolve as mudanças de atitude dos empresários, agricultores e outras pessoas em contato direto com o solo. As mudanças devem ser direcionadas na compreensão melhor dos benefícios das práticas de gestão conservacionista e sustentável de terras nas diferentes dimensões de aplicação.

Dessa maneira, se entendermos melhor onde pisamos, com certeza seremos mais cuidadosos e nossa percepção da significância e magnitude dos solos e da Terra alcançará as estrelas. Portanto, cuidar dos solos é cuidar da nossa própria natureza. Que de uma forma muito poética nosso cantor compositor Gilberto Gil explicou em versos:

“E quanto mais longe da terra/Tanto mais longe de Deus”. <sup>UC</sup>

**Este artigo foi publicado originalmente no *Jornal Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba, SP, de 7 de julho de 2015.**

# A alternância entre sucesso e esquecimento

TEXTO DISCUTE FATORES QUE LEVAM UM ESCRITOR A SE TORNAR CLÁSSICO



Benedito Antunes é professor de Literatura Brasileira da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, Câmpus de Assis, e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.

As reflexões apresentadas a seguir foram organizadas em torno de um roteiro de questões proposto pelo jornal literário *Cândido*, de Curitiba, PR, edição de maio de 2014, que tinha como objetivo discutir as razões da permanência ou não de autores na história da literatura brasileira. Visava explicar por que alguns, apesar de terem desfrutado de reconhecimento em vida, com o decorrer do tempo acabaram sendo esquecidos, enquanto outros passaram a ser lidos e estudados somente após a morte. Coelho Neto (1864-1934) é exemplo emblemático do primeiro caso, uma vez que teve grande sucesso em vida e está praticamente esquecido na contemporaneidade. Sousaândrade (1833-1902), por sua vez, representa situação oposta, tendo sua obra redescoberta na década de 1960, mais de 50 anos após a morte. Esse movimento pendular, entre o sucesso e o quase esquecimento, suscita questões a respeito dos fatores que levam um escritor a se tornar clássico: as características intrínsecas de sua obra ou as circunstâncias de ordem histórica

ou mesmo de política cultural.

Coelho Neto costuma ser citado como caso exemplar de autor reconhecido em vida, com uma vasta publicação ficcional, que é pouco lido na atualidade. O que teria despertado o interesse pela sua obra no início do século XX que não tem mais validade? A questão envolve diversos fatores, tanto de ordem histórica e sociológica quanto estética. Por isso, é difícil dar-lhe uma resposta cabal. Poderia ser apontada inicialmente a dimensão histórica: Coelho Neto foi um profícuo escritor que atendia ao gosto de uma sociedade arcaica. Sua obra, especialmente a regionalista, primava pela superficialidade e a ornamentação. Não por outra razão, foi um dos alvos prediletos dos modernistas da fase heroica, que viram nele e no poeta Olavo Bilac a expressão da literatura academicista e retrógrada. É evidente que, passado o furor destrutivo da vanguarda modernista, ele poderia ter sido revisto, como de certa forma vem ocorrendo com Bilac. Mas provavelmente seu teor descritivo, de intenção

documental, do ponto de vista temático, e ornamental, quanto à construção, tem contribuído para a rejeição por parte da crítica. Já o grande público, que em geral se move pelo aspecto temático, passou a ter interesses de outra natureza para satisfazer sua necessidade de fantasia, no contexto do processo de modernização do País. Na constante atualização historiográfica por que passa a literatura, não é improvável que Coelho Neto volte a receber a atenção da crítica especializada. Dificilmente, porém, voltará a cair no gosto do público, pois parece não ter muito a dizer aos leitores contemporâneos. Em suma: não se tornará um clássico, daqueles que o leitor, mesmo sem ler a sua obra, imagina conhecê-lo, para evocar aqui uma reflexão do escritor italiano Italo Calvino.



A condição de Coelho Neto na história da literatura não é algo raro. É até muito comum que escritores lidos por uma determinada geração sejam esquecidos pelas gerações seguintes. Recordem-se a esse propósito outros dois casos também exemplares. O primeiro é o de Malba Tahan, pseudônimo do escritor e matemático Júlio César de Melo e Sousa (1895-1974), que publicou mais de 120 livros, entre didáticos e ficcionais. Seu livro mais conhecido é *O homem que calculava* (1938), que, apesar da previsão entusiasmada de Monteiro Lobato, não ficou “a salvo das vassouradas do Tempo como a melhor expressão do binômio ‘ciência-imaginação’”, e pouca gente sabe hoje quem foi Malba Tahan. Outro caso é o de José Mauro de Vasconcelos (1920-1984), autor de inúmeros sucessos de público, como *Barro Blanco* (1948), *Rosinha*, *minha canoa* (1962),

pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant (1880-1970), que teve seu livro *Minha vida de menina*, escrito aos 15 anos, publicado apenas em 1942. Trata-se de obra única, de indiscutível qualidade literária e grande interesse temático, que tende a permanecer, entre outros motivos, por ter despertado a atenção de nomes notáveis, como Elizabeth Bishop e Roberto Schwarz. Curiosamente, o livro foi redigido como diário, sem pretensões literárias. Caso semelhante, porém não tão bem-sucedido, é o de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1893-1933), criador da figura de Juó Bananêre, que escrevia crônicas de grande sucesso nos anos de 1910 e 1920 e chegou a publicar *La divina incrensa*, uma divertida coletânea de paródias em macarrônico italo-português. Apesar da divulgação de sua obra e da expressiva quantidade de estudos que ela tem merecido nas últimas três décadas, o escritor ainda é ignorado pelas histórias literárias. Isso significa que nem sempre a avaliação positiva da crítica é suficiente para manter uma obra em circulação.

#### HÁ ESCRITORES QUE SE BENEFICIAM DA REVISÃO CRÍTICA DE SUA OBRA, COMO É O CASO DE LIMA BARRETO

*As confissões de Frei Abóbora* (1968) e o talvez mais conhecido *Meu pé de laranja lima* (1968). Provavelmente por causa das várias adaptações para o cinema, a televisão e até para história em quadrinhos, o livro é ainda bem conhecido. Mas talvez seja menos respeitado no Brasil do que na França, onde sua tradução se tornou um clássico infanto-juvenil. A título de especulação, poderia ser lembrado aqui o fenômeno Paulo Coelho, sucesso de público em todo o mundo, mas pouco respeitado pela crítica especializada. Considerando que seu sucesso se deve em grande parte ao trabalho eficiente de marketing, inicialmente, do próprio autor e, depois, dos grandes editores, que investem num produto de consumo garantido, cabe perguntar se, daqui a cinquenta anos, por exemplo, sua obra estará ainda sendo consumida.

Por outro lado, existem obras que só são descobertas muito tempo depois da morte do autor, geralmente em virtude de pesquisas acadêmicas. Veja-se o caso de Helena Morley,

Há também escritores que se beneficiam da revisão crítica de sua obra, como é o caso de Lima Barreto. Ele teve dificuldade de se afirmar como escritor em vida porque sua obra, embora moderna no sentido pleno do termo, não se ajustou à proposta estética dominante de sua época, o Modernismo, que preconizava uma revolução linguística com base nas vanguardas europeias. Mas a natureza crítica de sua obra e principalmente o estilo que passava ao largo das convenções acadêmicas renderam-lhe uma força expressiva capaz de retomar a tradição realista de nossa literatura, que vai ecoar na década de 1930. Lima Barreto é hoje razoavelmente lido e bem estudado. Seu sucesso de público é, sem dúvida, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, mas seu grande livro talvez seja *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, pelo arrojado formal com que expressa os conflitos daquele momento histórico.

Ainda em termos de revisão, não se pode deixar de mencionar o efeito da mudança de paradigmas críticos. O cânone literário é mui-






to discutido atualmente justamente porque as velhas histórias da literatura, que diziam o que valia e o que não valia, perderam prestígio. Agora, admite-se, no máximo, a existência de diversos cânones, com uma dinâmica bem diferente da estabilidade almejada pela antiga historiografia. Uma consequência dessa mudança são as revisões promovidas pelos poetas concretos, que, com base nos pressupostos da vanguarda literária, revisaram alguns autores do passado. Em alguns casos, pode-se dizer que fizeram renascer ou até mesmo nascer autores completamente desconhecidos. O exemplo mais claro disso é o de Sousândrade, pseudônimo de Joaquim de Sousa Andrade (1832-1902), que, embora tenha publicado sua obra no período do Romantismo, ficou praticamente sepultado até 1960, quando foi “resgatado” do esquecimento por Augusto e Haroldo de Campos, revelando-se um dos poetas mais originais daquela estética. O que permitiu essa redescoberta foi a perspectiva crítica de Haroldo de Campos, cuja “história sincrônica”, em franca oposição à historiografia tradicional, preconizava incorporar à contemporaneidade autores que teriam praticado a por ele designada estética da invenção. É este era o caso de Sousândrade, que chegou a profetizar que ele só seria compreendido cinquenta anos mais tarde, tal era seu descompasso com a dominante estética do Romantismo brasileiro. O escritor morreu louco e abandonado em São Luís, sua cidade natal, e reviveu por meio de sua obra graças ao processo de revisão crítica.

Dessa forma, completo esquecimento parece acontecer principalmente com autores mais antigos, cujas obras deixaram de circular há cerca de um século. Com efeito, muitos dos autores mencionados anteriormente continuam a ser editados, e é possível encontrar grande parte de sua obra em livrarias e sites de venda. O que não se observa é uma circulação comparável à da época de seu lançamento. É o caso, por exemplo, de Marques Rebelo, dono de estilo original e objeto de estudos recentes, o que lhe garante certo prestígio e

a permanência no cenário cultural brasileiro, embora com tendência a ser menos lembrado por causa da grande projeção alcançada por alguns de seus contemporâneos, como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado. Isso faz que, além dele, autores como Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida, para não falar dos criadores de um estilo mais intimista e complexo, como Lúcio Cardoso e Cornélio Pena, tendam a ser menos lidos. Lúcio Cardoso e Cornélio Pena, aliás, estão sendo até bastante estudados, mas é difícil encontrar edições recentes de sua obra, assim como é difícil encontrar leitores apaixonados por ela no chamado grande público. A favor de Marques Rebelo cabe lembrar que ele teve parte da obra adaptada para o cinema e a televisão, o que sempre alimenta a manutenção de seus livros no catálogo das editoras e, conseqüentemente, a sua leitura nas escolas, em grande parte o único espaço responsável

### A ALTERNÂNCIA SUCESSO/ESQUECIMENTO DE AUTORES OCORRE EM TODOS OS SISTEMAS LITERÁRIOS E EM TODAS AS ÉPOCAS

pela formação de novos leitores literários.

Assim, pode-se dizer que a alternância sucesso/esquecimento de autores ocorre em todos os sistemas literários e em todas as épocas, embora ela seja mais visível na literatura recente, dos últimos cinquenta anos ou pouco mais. Os chamados clássicos gozam de uma estabilidade muito maior, pois já passaram pelo filtro da história. Pouco ou muito lidos, Homero, Dante, Shakespeare, Balzac, Tolstói, Kafka e, entre nós, Machado de Assis, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, para citar alguns nomes de indiscutível aceitação por parte do público e da crítica, dificilmente sairão de cena. As qualidades intrínsecas de suas obras e as constantes leituras e releituras que delas se fazem são decisivas para mantê-los vivos em nossa memória cultural. 



# Pormenores dos acordos climáticos

**P**equim e Washington comemoraram, em novembro último, a assinatura de um acordo com vistas a redução da emissão de gases nocivos ao meio ambiente tendo por base o desenvolvimento, quase que no ínterim da proposta, de tecnologias de produção de energias renováveis. Se a notícia é boa? Sim, é excelente. Demonstra o reconhecimento pelos maiores emissores de gases do efeito estufa, China e EUA, da necessidade de articulação de políticas para a defesa do ecossistema terrestre. Todavia, é bom ressaltar alguns, digamos, pormenores.

Ambos os países participaram das tratativas

para a instauração do Regime Internacional de Mudanças Climáticas (RIMC), no início dos anos 1990, assim como subscreveram os acordos que fundaram esse. Ainda, impactaram na formulação e acataram a estrutura normativa proposta pelo referido regime que diferenciava os países responsáveis historicamente pela degradação do meio ambiente, consequência de suas respectivas trajetórias de desenvolvimento, a Convenção Quadro de Mudanças Climáticas.

Pois bem, essa Convenção Quadro colocou de um lado as grandes economias mundiais, dentre elas os EUA, o Japão e, aceita

como um ator unitário, a União Europeia e de outro lado o “resto” do mundo, países que tentavam se integrar à economia mundial, incluídos aqueles denominados em desenvolvimento, e posteriormente denominados emergentes, tais como China, Índia, Brasil, México e Indonésia.

Firmados os tratados de fundação do RIMC, iniciaram-se as discussões daquele que seria tido como o mais importante, e de maior impacto, tratado com vistas a mitigação das transformações do desenvolvimento mundial que degradavam, sobremaneira, o meio ambiente, o Protocolo de Kyoto.

Enquanto as negociações avançavam, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, foi questionado o posicionamento dos países emergentes, leia-se China, Índia, Brasil e México, quanto a responsabilização e compromisso de adoção de metas obrigatórias de redução da emissão de gases de efeito estufa. Não obstante, a Convenção Quadro – a estrutura normativa que dividia o mundo em responsáveis e não responsáveis pelas mudanças climáticas – discorria sobre a não necessidade de esses países assumirem metas obrigatórias, diferentemente dos países desenvolvidos. Tal discriminação foi intensamente discutida e utilizada como um dos argumentos para os estadunidenses se retirarem das negociações em 2001, seja pela insatisfação com a “desigual” responsabilização e divisão dos compromissos, seja por um “detalhe” muitas vezes desconsiderado pelos analistas “desavisados”.


Em 1997, antes mesmo da conclusão do texto do Protocolo de Kyoto, o Congresso americano aprovava por unanimidade uma resolução que discorria sobre tratados internacionais com vistas a proteção ambiental e que versava basicamente sobre as possibilidades de ratificação destes pelos estadunidenses – a chamada Resolução Byrd-Hagel. Essa resolução direcionaria, a partir de então, todas as futuras discussões norte-americanas quanto a construção de acordos na temática ambiental. Através da ratificação de tratados internacionais discutidos pelo Executivo ao compro-

misso *pari passu* de todas as medidas entre os países negociantes, ou seja, “me comprometo com aquilo que o outro, ou outros, também se comprometer, ou comprometerem”. Assim tem sido desde os idos de 1997, independente de governos democratas ou republicanos.

Por que levantar todo esse histórico de negociações? Porque o acordo assinado entre China e Estados Unidos em novembro último pode não gerar tantos impactos na construção de uma consciência de preservação ambiental. Os otimistas dirão: “Tal movimento representa um reconhecimento dos grandes países da necessidade de adotar medidas articuladas, e por que não, cooperativas quanto

### O ACORDO ASSINADO ENTRE CHINA E ESTADOS UNIDOS PODE NÃO GERAR TANTOS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

a mitigação das transformações ambientais e, assim, mitigar o aquecimento global”. Por outro lado, os céticos, onde me incluo, afirmarão: “Para além de um movimento político entre as representações estadunidense e chinesa, a discussão esbarra na estrutura interna dos países e, sobremaneira, no congresso norte-americano que não dispõe e/ou representa, em termos emprestados da Ciência Política, de “públicos atentos” quanto a revogação ou criação de nova legislação que permita implementar medidas como as acordadas nos últimos dias”.

Pode-se esperar, porém, que tal movimento reverta positivamente nas negociações que devem ocorrer na Conferência do Clima de Paris, na França. Em 2013 Barack Obama já afirmava na reunião do G7 – Grupo dos países mais ricos do mundo – a necessidade de se construir um consenso quanto a mitigação do efeito estufa. Ter China e EUA, ao menos discursivamente, dispostos a adotar medidas pró-positivas quanto a essa temática pode reverberar numa possível revisão do RIMC e de sua estrutura normativa. 



William Daldegan é professor do Departamento de Relações Internacionais da Unesp de Franca.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 13 de novembro de 2014.



# Desafios para o etanol brasileiro

**D**e 17 a 21 de fevereiro foi realizada a 20.<sup>a</sup> Conferência Nacional do Etanol “Going Global”, em Grapevine no Texas, com a participação de vários representantes da cadeia produtiva do etanol nos Estados Unidos e outros países como Brasil, Alemanha, Canadá, Itália, Peru, Irlanda, México, Inglaterra, Índia e Gana.

Uma questão ficou bem clara: o atraso da divulgação dos volumes obrigatórios do mandato de combustíveis renováveis (Renewable Fuel Standard RFS) está deixando o setor apreensivo em relação ao mercado americano, o que impulsiona ainda mais as iniciativas de explorar o mercado internacional.

Bob Dineen, presidente da Renewable Fuels Association (RFA), destacou em seu discurs-

so de abertura que incluiu os 10 pontos da agenda do etanol, o fato da associação estar trabalhando junto com a US Grains Council e a Growth Energy em um Programa de Exportações de Etanol.

O objetivo é manter o recorde de exportações atingido em 2011 de 1,2 bilhão de galões de etanol. Já mapearam 61 países que possuem mandatos de etanol e podem ser explorados, além de terem missões comerciais planejadas para Brasil, Peru, Panamá, Filipinas, Japão, Coreia do Sul e China.

Essa proposta vai ao encontro do discurso do ex-representante dos EUA para assuntos comerciais (USTR, em inglês) Ron Kirk, que enfatizou a importância de o setor do etanol apoiar a aprovação do Trade Promotion Autho-



© Dollar photo


city, o qual facilitará a conclusão dos acordos como Parceria Transpacífica (TPP, sigla em inglês) e Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento (TTIP, na sigla em inglês). Jim Galvin, presidente da Lakeview Energy, também apontou que entre os desafios do setor está o de não ficar de fora de tais acordos.

A apresentação que mais ressaltou o Brasil foi a de Owen Wagner da LMC International. Wagner apontou que apesar de os custos de processamento do etanol brasileiros serem menores do que nos EUA, os custos totais de produção (incluindo custos de matéria-prima) dos EUA foram inferiores aos do Brasil ao longo dos últimos anos. Essa é uma das razões pelas quais a indústria brasileira de etanol tem sido menos rentável nos EUA desde 2011.

Isto colabora para o fato de Brasil e Estados Unidos terem mudado de posição no cenário internacional. Pedro Paranhos da Eco-energy destacou que, em 2014, as exportações dos EUA representaram 70% das exportações de etanol no mundo e as do Brasil apenas 30%. Em 2004, os EUA representavam 10% e o Brasil 90%.

Por outro lado, Wagner destaca que pode

haver melhoras na eficiência de produção no cenário futuro. Do lado da demanda, o aumento do preço da gasolina e a adoção de 27% de etanol na mistura gasolina também devem colaborar para mais incentivos no setor. Outro destaque está no fato de o governo de Minas Gerais ter reduzido o ICMS do etanol em 14%. De toda forma, Wagner defende que neste momento abriu-se uma janela de oportunidade para o etanol americano aumentar as exportações para o mercado brasileiro.

Paranhos ressaltou que os mercados japônês e sul-coreano ainda privilegiam etanol brasileiro, devido a regulações que restringem o mercado ao etanol de cana. Vale ressaltar que os representantes brasileiros do setor têm tido sucesso na defesa do etanol brasileiro dentro da política estadual da Califórnia (Low Carbon Fuel Standard – LCFS). Nesse sentido, mais cem usinas brasileiras são registradas no CARB, e na safra de 2013/14 um quarto das exportações brasileiras de etanol foram para esse estado. Assim, o mercado californiano se consolida como uma opção para exportações brasileiras. 



Laís F. Thomaz é pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp e PUC-SP) e pesquisadora visitante na Georgetown University. Foi vencedora do prêmio promovido pela RFA, que seleciona estudantes para participar da National Ethanol Conference.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 27 de fevereiro de 2015.

# Os olhos ampliados da New Horizons

DOIS TEXTOS REFLETEM SOBRE SONDA QUE, APÓS UMA VIAGEM DE QUASE 10 ANOS, PASSA POR PLUTÃO COM TODOS OS SEUS INSTRUMENTOS FUNCIONANDO

## PLUTÃO E CARONTE VISTOS DE PERTO

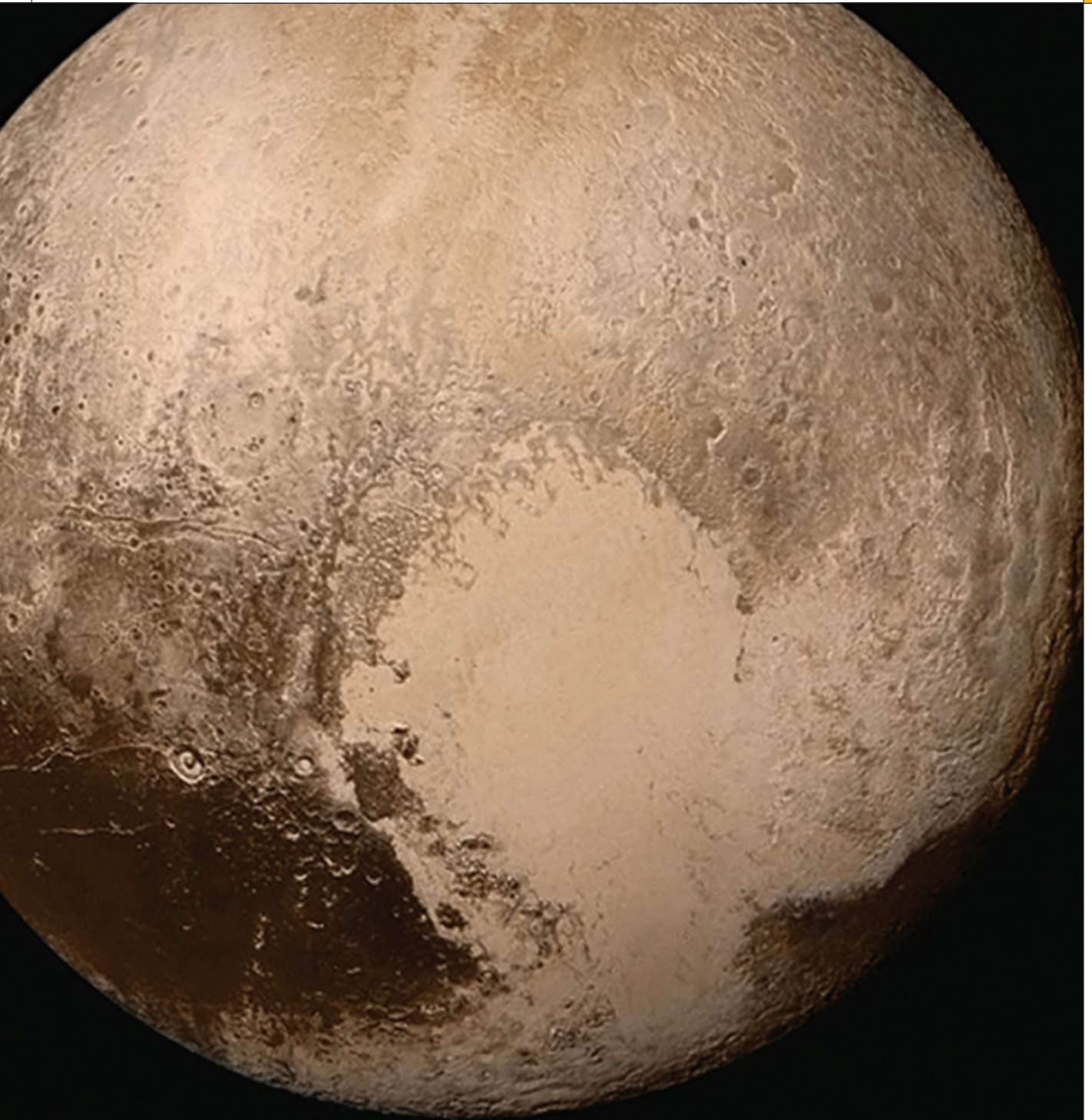
SILVIA GIULIATTI WINTER

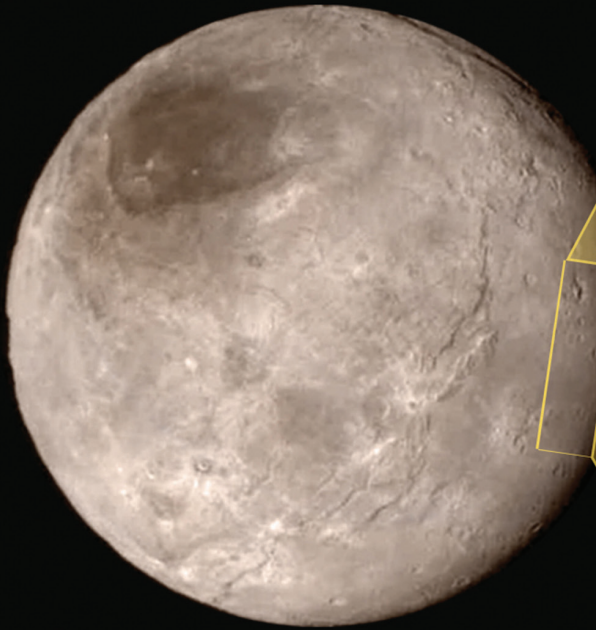
A chegada de uma sonda espacial ao seu destino já é motivo de comemoração, imagine quando esta é a primeira vez que o objeto celeste é visitado. A sonda New Horizons, lançada pela NASA (Agência Espacial Americana) em 2006, passou dia 14 de julho pelo sistema de Plutão, somente a 12500 km de sua superfície. Situado na parte externa do nosso sistema solar, o planeta anão, nunca visitado por uma sonda espacial, conta com a companhia de cinco satélites: Caronte, Estige, Nix, Cérberos e Hidra.

A sonda New Horizons, após uma viagem de quase 10 anos, passa por Plutão com todos os seus instrumentos funcionando. Após essa

aproximação, a sonda continuará enviando dados do sistema. O próximo alvo da missão, no ano de 2019, será um objeto pertencente ao Cinturão de Kuiper. Chamada de Terceira Zona do Sistema Solar, o Cinturão de Kuiper, localizado entre 30UA e 50UA do Sol (1 Unidade Astronômica (UA, = 149597871 km), contem milhares de debris planetários originários da formação do nosso Sistema Solar, ~4,5 bilhões de anos atrás. A sonda ainda terá combustível suficiente para continuar enviando dados até 2030, quando poderá já ter ultrapassado os limites do Sistema Solar.

Plutão foi descoberto pelo astrônomo americano Clyde Tombaugh em fevereiro de 1930, cujas cinzas estão sendo carregadas pela sonda New Horizons. Quase 50 anos depois, em junho de 1978, Caronte foi descoberto pelo astrônomo americano James W. Christy. Os





Plutão da New Horizons, *Long Range Reconnaissance Imager* (Lorri), foi recebida em 8 de julho, e foi combinada com baixa resolução de informações de cor do instrumento Ralph



Silvia Giuliatti Winter integra o Grupo de Dinâmica Orbital e Planetologia da Faculdade de Engenharia da Unesp, Câmpus de Guaratinguetá.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 17 de julho de 2015.

dois objetos possuem massas tão próximas que o sistema Plutão-Caronte é chamado de sistema binário. Somente após o lançamento da sonda, os quatro pequenos satélites foram descobertos girando ao redor do centro de massa do sistema Plutão-Caronte.

Os dados recentemente divulgados pela equipe da missão, e muitos outros que estão por vir, trarão a necessidade de reescrever os livros textos no que tange ao sistema de Plutão. Alguns dados divulgados antes do encontro e imediatamente após a passagem da sonda, mostram que o raio de Plutão é ~40 km maior do que o valor calculado. Em uma das imagens é possível ver que a sua superfície não apresenta crateras, embora seja conhecido que Plutão sofre colisões com objetos do Cinturão de Kuiper. A surpresa é que a superfície de

Plutão pode ter sido esculpida devido ao seu calor interno. O “grande coração” de Plutão, denominado de Tombaugh Regio, tem uma extensão de 2000 km. Caronte também apresenta uma superfície com indícios de estar sendo renovada, além de crateras recentes e um abismo com profundidade de quase 10 km. Novas informações também foram divulgadas a respeito do satélite mais externo, Hidra, seu formato irregular tem a extensão de 43 x 33 km, além da variação de brilho na sua superfície. Como Caronte, Hidra também tem sua superfície predominantemente coberta por gelo. Nos próximos dias/semanas, a grande quantidade de dados trará surpresas a respeito desse sistema tão longe do nosso planeta, mas que graças aos avanços tecnológicos está sendo desvendado.



VICTOR AUGUSTO RAMOS MISSIATO



© Anatsz/Wikipedia

# A contemporaneidade latino-americana em tempos democráticos

LIVRO TOMA A REGIÃO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA GLOBAL E UNIVERSAL

**E**m tempos de “modernidade líquida”, onde a diluição das fronteiras espaciais, a aceleração do tempo e a verticalização do político transformam a concepção do pensar e agir político e, por conseguinte, reorientam as perspectivas historiográficas, a busca de entendimento dessa realidade expressa no livro *Um lugar no mundo: estudos de história política latino-americana*, de Alberto Aggio, professor no Câmpus da Unesp em Franca, SP, materializa-se como proposta de (re)visão da contemporaneidade latino-americana, a partir de reflexões tanto acerca de seu passado quanto do tempo presente. Em termos mais acadêmicos, tais reflexões visam promover também uma nova tradução para um espaço espe-

cificamente historiográfico: a história política latino-americana. Tal proposta está inserida dentro de uma conjuntura latino-americana cuja hora presente encontra-se balizada pelo pêndulo da democracia.

Diante dessas novas perspectivas para a região, respaldadas por um novo “acontecimento histórico”, tendo em vista as novas relações políticas entre EUA e Cuba, que podem aprimorar a atual convivência continental americana, abre-se a possibilidade de superar antigos dogmas, conforme elucidou o historiador Joan del Alcàzar, professor de História Contemporânea da Universidade de Valencia, em brilhante prefácio ao livro. Posicionando a América Latina na modernidade, incorporada



**Mural pintado por Jorge González Camarena (1964-1965), localizado na Pinacoteca da Universidade de Conceição, no Chile**


junto ao processo de ocidentalização do mundo, Alberto Aggio elabora uma interpretação dessa contemporaneidade latino-americana por meio de uma crítica à “visão do atraso”, que procurou desvincular a América Latina da própria modernidade global.

Em seu texto introdutório, ao pensar as transformações decorrentes do final do século XX, Aggio chama atenção para a necessidade de superar visões dogmáticas a respeito do continente. Em primeiro lugar, trata-se de “vencer as velhas orientações de ruptura com o colonialismo ou com a dependência que faziam parte de uma forma de compreender a América Latina própria das décadas de 1950 e 1960” (p. 24). Em relação a essa questão, im-

porta destacar o fato de que tanto a perspectiva da Revolução Cubana, como vetor radical da democratização social, quanto o “programa” neoliberal, e sua radical imposição de ideia de mercado, não conseguiram amalgamar um determinado consenso político no continente e ambas as orientações fracassaram.

De acordo com o autor, após o período de redemocratização na região, a questão democrática tornou-se elemento central na compreensão das dinâmicas político-sociais latino-americanas. No que se refere especificamente à renovação das esquerdas, a democracia possibilitou o encontro entre correntes liberais e socialistas, “abrindo-se a perspectiva de se projetar para o continente uma esquerda com vocação de governo, identificada como democrática, moderna e reformista” (p. 28). A partir de tais premissas, Alberto Aggio, entrelaçando o trabalho acadêmico e intelectual, analisa diversos processos históricos na América Latina, a fim de compreender melhor o lugar do continente nessa contemporaneidade.

A partir de um posicionamento abertamente democrático-reformista, o autor avalia criticamente alguns processos políticos e categorias analíticas que durante muito tempo balizaram opções políticas e intelectuais na construção da história latino-americana. Temas como a teoria do populismo, os usos de Gramsci na história política latino-americana, Revolução Cubana e “via chilena ao socialismo”, intelectuais e política, autoritarismo e transição democrática no Brasil e no Chile, entre outras dimensões, são problematizados num texto de leitura obrigatória para especialistas e gratificante para o público em geral.

*Um lugar no mundo* toma a América Latina a partir de uma perspectiva global e universal e, por isso, uma das suas principais contribuições é a de ser capaz de realizar uma análise horizontal da história política, demarcando a complexidade “das dinâmicas e vicissitudes da política, que dão expressão aos atores em suas contradições, orientando ou reorientando tanto os processos e os sentidos como também o que é essencial na História” (p. 146). 



**Fundação Astrojildo Pereira, Editora Contraponto e Fondazione Istituto Gramsci, 250 páginas**



**Victor Augusto Ramos Missiato é doutorando do Programa de Pós-graduação em História (PPGH), na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Unesp de Franca.**



## Estado mexicano em xeque

A FUGA DE EL CHAPO, LÍDER DO CARTEL DE SINALOA, MOTIVA REFLEXÕES SOBRE O NARCOTRÁFICO E O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO PAÍS LATINO

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 14 de julho de 2015.

**O NARCOTRÁFICO MEXICANO**  
JOÃO FERNANDO FINAZZI

A notória fuga do líder do Cartel de Sinaloa, Joaquín Guzmán Loera, lança luz novamente ao poder que o narcotráfico possui no México. Submetido a uma das prisões de maior segurança do país, El Chapo conseguiu sua segunda fuga das autoridades mexicanas. As circunstâncias apontam que dificilmente o teria feito sem a anuência de alguns funcionários do Estado. Outro acontecimento significativo foi o desaparecimento de 43 estudantes de Ayotzinapa em 26 de setembro de 2014,

cujas autorias recaiu sobre uma articulação entre polícia, políticos e narcotraficantes. Mais do que acontecimentos isolados, esses fatos manifestam questões estruturais profundas.

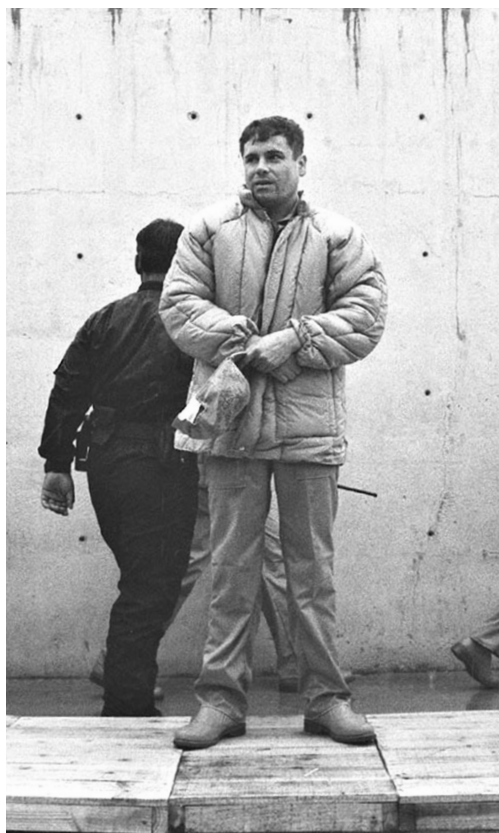
O negócio da droga no México gira em torno de US\$ 30 bilhões de dólares e emprega ao menos meio milhão de pessoas, segundo o *Council on Foreign Relations*. A violência do narcotráfico que afeta o país não é um evento necessariamente recente, mas possui raízes históricas e internacionais mais amplas. No entanto, a atual condição mexicana dialoga diretamente com as próprias políticas adotadas ao longo dos últimos anos no que tange

à questão das drogas. Desde 2006, com o rerudescimento do combate ao tráfico manifestado pela política de “mano dura” do então presidente Felipe Calderón e, posteriormente, com o estabelecimento da Iniciativa Merida com os EUA, os índices de violência em geral – como de sequestros, extorsão e homicídios – aumentaram drasticamente. Segundo dados do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes, entre 2005 e 2010 o número de homicídios no México subiu 65%. Um olhar mais atento ao nível subnacional nos mostra que as regiões mais afetadas foram aquelas em que se concentram os principais cartéis, ao norte do país.

A questão das drogas em território mexicano não pode ser compreendida somente de um ponto de vista doméstico, interno, mas em conexão direta com outras questões transnacionais como um todo. A proximidade com os EUA, maior consumidor de drogas e maior produtor de armas do mundo, facilitou que as redes de narcotraficantes mexicanos pudessem se articular de modo relevante, uma vez que o transporte de armas e de drogas se torna mais fácil. Ao mesmo tempo, teria sido com a desfragmentação dos cartéis colombianos ao final da década de 80 que o México teria deixado de ser apenas relevante enquanto local de trânsito para se tornar um grande produtor.

Do ponto de vista econômico, também é relevante observar quais são os destinos do dinheiro do tráfico. O mesmo Cartel de Sinaloa já teve seus vínculos com o sistema bancário descoberto algumas vezes. Em 2006, descobriu-se que o banco Wachovia – que hoje faz parte do Wells Fargo – lavava dinheiro do grupo. Em 2012 foi a vez do HSBC. Em ambos os casos as investigações resultaram numa multa relativamente pequena para os bancos e nada mais.

Se a questão do narcotráfico, bem como de toda a violência que o envolve, é ao mesmo tempo nacional e internacional, os esforços para lidar com seus problemas devem ser feitos de modo sóbrio e objetivo levando essa realidade em conta.



João Fernando Finazzi é pesquisador em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-graduação San Tiago Dantas (PUC-SP, Unesp, Unicamp).

(ao lado) El Chapo Guzmán, em Almoloaya de Juarez/México (1992)

(abaixo) Francisco Sánchez Nava, estudante sobrevivente, da Escola Normal Rural de Ayotzinapa, em Guerrero, no Brasil para pedir ajuda, fala sobre os 43 estudantes mexicanos desaparecidos

© Fabrizio León Diez/Wikipedia



© Fernando Pírazo/Agência Brasil



## O SISTEMA PENITENCIÁRIO

SANDRA FLORES GUTIERREZ

**N**ovamente, o Estado mexicano é objeto de críticas, tanto em nível nacional como internacional, com relação às debilidades de suas instituições, agora, no que se refere ao seu falido sistema penitenciário.

De maneira lamentável, o México se converte em foco de atenção mundial devido à segunda fuga de um dos maiores narcotraficantes do país: Joaquín Guzmán Loera “El Chapo”, líder do Cartel de Sinaloa, um dos principais fornecedores de droga do México para os Estados Unidos. Vale lembrar que a primeira fuga ocorreu em janeiro de 2001.

Frente a tal acontecimento, deve-se criticar não apenas a forma e as circunstâncias “estranhas” relacionadas à fuga (por um túnel cavado no banheiro), na qual ninguém viu ou ouviu nada, mas também o papel das autoridades dos sistemas carcerário e judiciário mexicanos.

Debilidade, ineficácia, ruptura institucional e corrupção são as palavras que carac-

terizam o atual governo federal, incapaz de levar a cabo as funções que deveria desempenhar. Ele carece dos meios adequados e necessários para garantir a estabilidade no país, ao passo que a ação do narcotráfico se sobrepõe aos mecanismos governamentais. Os instrumentos utilizados por esta atividade criminosa são inúmeros, como suborno, corrupção e financiamentos. Tais elementos foram determinantes na violação da prisão de segurança máxima de Altiplano, por meio da construção de um túnel de fuga de 1500 metros de comprimento, com os requintes de uma obra de engenharia, com iluminação, ventilação e trilhos pelos quais El Chapo fugiu em uma motocicleta em questão de minutos.

Trata-se de um acontecimento vergonhoso para o país em diversos sentidos: a autoridade penitenciária corroída e intrinsecamente vinculada a atividades criminosas como o narcotráfico, além da corrupção desenfreada em altos níveis governamentais. Ademais, a justificativa para a sociedade por parte das autoridades federais foi muito pouco convincente. Esta não vê no Estado nada além


**Sandra Flores Gutierrez é mestre em Ciências Políticas pela Universidade Nacional Autónoma do México. Realizou intercâmbio junto ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da Unesp em Marília.**



© Fotos: Jesus Villaseca Perez/Flickr

do que inépcia e mediocridade ao falhar em garantir a segurança pública.

É urgente recolocar em pauta um tema tão indispensável e ansiado como é a solução para a segurança do país. É preciso atacar as causas da violência, além de viabilizar melhores sistemas de vigilância e um esforço no sentido de depurar os corpos policiais das funções que executam, pois não podemos nos esquecer de que foi da cumplicidade desse pessoal que se viabilizou a fuga do líder do Cartel de Sinaloa.

O que hoje acontece no México, como sinal de uma grave doença, é a falta de uma cultura de prevenção e planejamento. Agora, depois da fuga, tratam de reforçar o sistema de segurança para empreender a recaptura de “El Chapo”, quando na realidade tais medidas deveriam ser tomadas antes dela ocorrer. Impera assim, nos diversos âmbitos do governo, a criação de desculpas esfarrapadas para dar alguma satisfação à opinião pública, já que não se foi capaz de prever algo que causou tanta vergonha para a sociedade mexicana. 

O QUE HOJE ACONTECE NO MÉXICO, COMO SINAL DE UMA GRAVE DOENÇA, É A FALTA DE UMA CULTURA DE PREVENÇÃO E PLANEJAMENTO



Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 20 de julho de 2015.



## Estudo analisa e descreve interações no programa teletandem

TRABALHO  
FOCA AS  
PERFORMANCES  
DE GÊNEROS  
DURANTE O  
CONTATO  
ENTRE OS  
PARTICIPANTES

**L**eila Martins da Costa, aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, defendeu, na Unesp de São José do Rio Preto, a tese de doutorado intitulada *Performatividade e gênero nas interações em teletandem*.

Teletandem é um contexto virtual, autônomo e colaborativo que utiliza os recursos de texto, voz e imagens de webcam oferecidos pela tecnologia VOIP (Voice Over Internet Protocol), como o Skype ou Google Hangouts, para promover o contato intercultural e linguístico entre pessoas de diferentes países. Nesse contexto, dois falantes de duas línguas diferentes ajudam um ao outro (princípio da

reciprocidade) a aprender a sua língua nativa ou de proficiência.

O presente estudo é parte integrante do Projeto Teletandem Brasil e se propõe a analisar gênero e discursos de gênero, dada a lacuna existente sobre este tópico na produção científica desse projeto. O estudo tem dois objetivos: (a) analisar as dinâmicas de interação entre duplas de mesmo sexo biológico e gênero e entre duplas de sexo biológico e gênero diferentes; e (b) descrever como essas duplas performam seus gêneros, discursos e ideologias nessas interações transculturais on-line em teletandem.

O estudo se justifica por razões de natureza profissional, evidenciadas pela contribuição dos resultados para usuários (professores e alunos de línguas estrangeiras, mediadores de sessões de teletandem), bem como para a comunidade científica, que se debruça sobre a pesquisa acerca do ensino/aprendizagem virtual de línguas estrangeiras. As perguntas que direcionam esta pesquisa são: (a) Como a comunicação e a negociação intercultural, sob os aspectos da performatividade, emergem e se apresentam no ensino/aprendizagem dos telecolaboradores universitários do Brasil e dos Estados Unidos? (b) Como as dinâmicas orais das identidades de sexos/gêneros emergem e se apresentam no ensino/aprendizagem dos telecolaboradores universitários dos países mencionados?

O arcabouço teórico da pesquisa está centrado na Teoria da Performatividade e na Análise Crítica do Discurso, sob a perspectiva sócio-histórica. A metodologia da pesquisa é de caráter qualitativo, exploratório e interpretativista. Os instrumentos de coleta dos dados foram gravações em vídeo de 10 interações de cinquenta minutos (com vinte e cinco minutos em inglês e vinte e cinco em português), coletadas entre setembro e novembro de 2012, junto a 34 alunos de uma universidade americana (17) e uma brasileira (17).

Os dados, transcrições verbatim das interações por Skype gravadas em vídeo, foram analisados à luz da Teoria da Performatividade e da Análise Crítica do Discurso. A análise iniciou-se com a verificação de dois temas recorrentes que se originaram dos estudos sobre variações de duplas, os quais reiteram duas ideias sedimentadas: (a) membros que se identificam como do gênero masculino, em uma parceria são mais argumentativos e competitivos do que os de outras combinações e falam mais de ações (tais como esportes); e (b) membros que se identificam como do gênero feminino falam mais de pessoas e relacionamentos.


A primeira ideia sedimentada diz respeito a atitudes colaborativas (trabalhar ou agir juntos),

em oposição a atitudes competitivas (argumentação meramente para vencer ou ter a palavra final). Por sua vez, a segunda ideia sedimentada engloba convenções e categorizações sobre temas típicos dos sexos biológicos, tais como relatos sobre relacionamentos e intimidades são típicos do sexo biológico feminino.

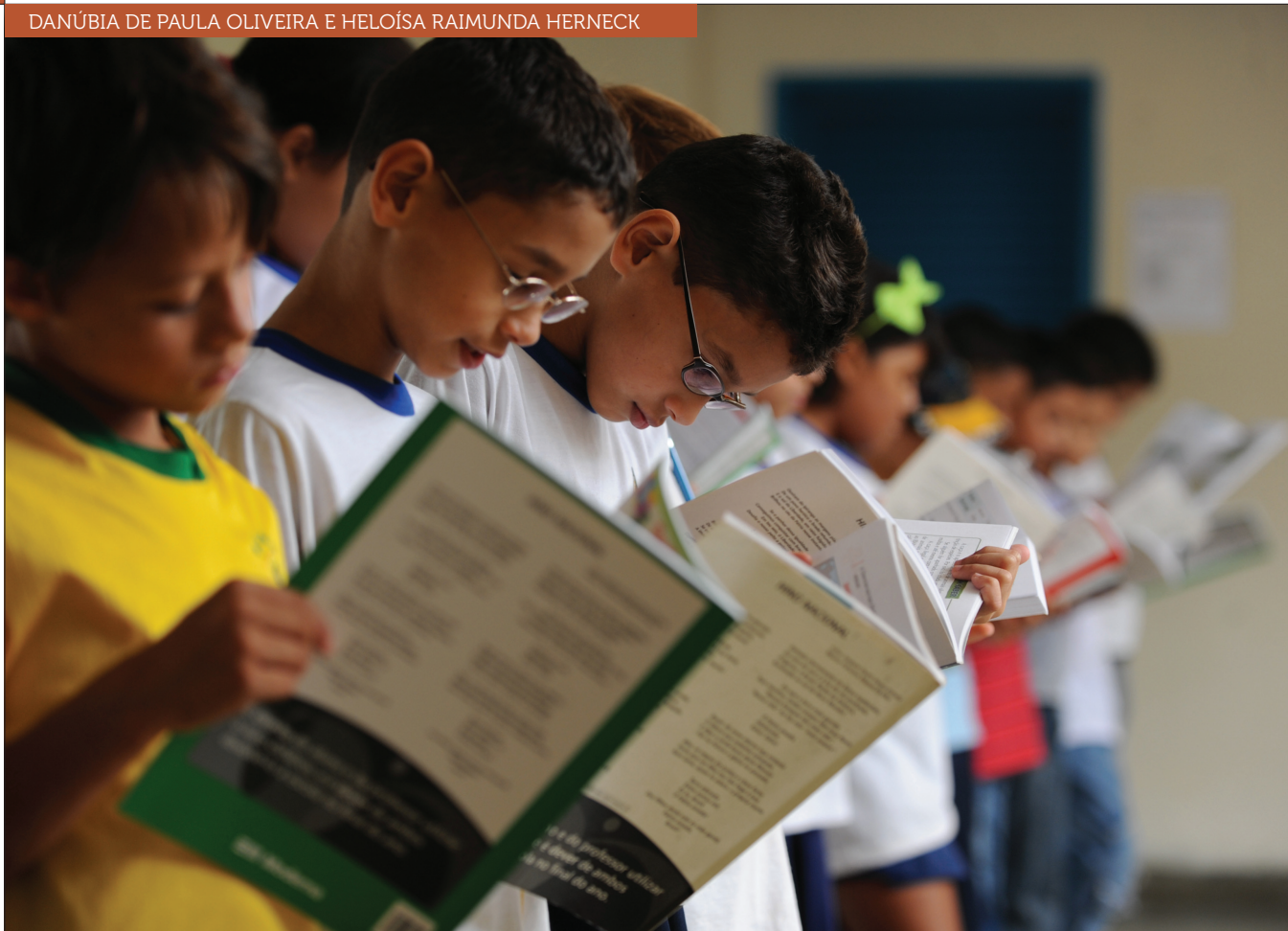
Para a análise das interações em teletandem, foi usada a Análise Crítica do Discurso baseada em Fairclough e Kramsch, que nos fornece seis componentes: (a) a intertextualidade (colaboração com o outro) e negociação da diferença, (b) os atores sociais (relações de poder), (c) manutenção da face/imagem, (d) estilos, (e) aspectos transculturais e (f) discursos e ideologia. Para a análise da performatividade nas interações, usamos os conceitos de atos da fala, de turnos e de repetição de ideias sedimentadas sobre gênero, cultura e identidades. Os resultados de ambas as análises apontam

### FALANTES DE DUAS LÍNGUAS DIFERENTES AJUDAM UM AO OUTRO A APRENDER A SUA LÍNGUA NATIVA OU DE PROFICIÊNCIA

para a preferência dos interagentes de terem um/a parceiro/a do mesmo sexo/gênero e para o surgimento de dois grupos com discursos e ideologias diferentes sobre tópicos típicos ou não dos gêneros: (a) o grupo das ideias sedimentadas e (b) o grupo das ideias não pautadas por tópicos diferentes para o gênero masculino e feminino.

A colaboração foi constatada em todas as parcerias, inclusive naquelas que se auto-identificaram como masculinas. Os tópicos ligados a esportes foram igualmente tópicos das duplas auto-identificadas como femininas e masculinas. A pesquisa tem limitações, tais como o número de participantes, até que ponto os participantes se sentiram com a suficiente liberdade para auto-identificação de sexo/gênero e a não inclusão das identidades LGBTQ; porém, nesse sentido, foram feitas sugestões para trabalhos futuros sobre esses temas. 

**Comissão Examinadora**  
**João A. Telles**  
 (Unesp/Assis)  
**Solange Aranha**  
 (Unesp/SJRP)  
**Douglas A. Consolo**  
 (Unesp/SJRP)  
**Walkyria M. Montemór**  
 (USP)  
**Dolores C. G. Galindo**  
 (Universidade Federal  
 de Mato Grosso)



© Marcello Casati Jr./Divulgação/EBC

# Laboratório e educação étnico-racial

## LEGISLAÇÃO E EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL – A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO

DANÚBIA DE PAULA OLIVEIRA E  
HELOÍSA RAIMUNDA HERNECK



Danúbia de Paula Oliveira e Heloísa Raimunda Herneck são, respectivamente, estudante e professora da Universidade Federal de Viçosa/MG.

Os livros didáticos não só ensinam conteúdos, mas formam e reproduzem pensamentos. Sendo assim, analisar um livro didático não é somente verificar a abordagem de conteúdos a serem ensinados, é buscar perceber que tipos de representações sociais estão presentes nele. É justamente sobre as representações sociais presentes no livro didático que nos debruçaremos neste trabalho, ou, mais especificamente, sobre a representação social

dos afrodescendentes.

A opção por abordar essa questão se justifica pelo fato de, sendo garantido pela Constituição de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1996, o respeito às diversas etnias bem como a manutenção da cultura e identidade dos variados povos, cabe ao livro didático visar uma educação étnico-racial. Essa obrigatoriedade de uma educação étnico-racial, todavia, é fruto não somente da legislação, mas também resultado da influência de uma entidade econômica sobre o sistema educativo brasileiro, o Banco Mundial, o qual foi um dos participantes da Conferência Educação para Todos (1990), conferência esta em que o Brasil participou e que influenciando na elaboração dos PCNs – espécie de guia da educação na-

cional – resultou também na assinatura de um acordo em que os países se comprometiam a respeitar a diversidade cultural.

A obrigação juntamente com a vontade de, seguindo o guia educacional (PCN), se ter um projeto educativo que englobe todas as etnias e que as trate de forma igualitária pode muitas vezes soar como um desafio para os autores de livros didáticos, pois durante muito tempo a diversidade étnica e cultural era desprezada e minorizada, prevalecendo a cultura do branco. É a resposta dos autores a este desafio que tentaremos observar a partir da tentativa de fazer uma análise das representações sociais do negro em textos e imagens do livro didático *Projeto Universos – Língua Portuguesa*, do 9.º ano.

Para tanto, utilizaremos como principais bases teóricas as ideias de Teixeira (2009), para quem o cuidado e zelo com as imagens incluídas no livro didático são essenciais para a formação dos alunos; e Silva (2011), cujos estudos apontam mudanças significativas na representação social do negro nos textos e ilustrações dos livros didáticos.

Para a realização do trabalho, fizemos a leitura da Constituição Federal e da LDB 9.394/96 e selecionamos o livro didático *Projeto Universos – Língua Portuguesa/9º ano*. Feito isso, contabilizamos quantas vezes apareceram imagens ou textos de pessoas brancas em comparação com o número de imagens ou textos de pessoas negras. Além disso, verificamos se as imagens ou os textos eram carregados de algum preconceito.

Relativamente às imagens, no livro analisado constam 283, das quais 56 apresentam pessoas negras. Destas 56, analisamos a representação do negro levando em consideração os seguintes papéis: sociais, intelectuais e alguns aspectos caricaturais.

Em relação aos papéis sociais, o negro participa de diversas atividades em grupo, como atividades musicais, trabalhos em equipe, entre outros. No tocante à intelectualidade, constatamos que alguns negros ocupam papéis como professores e participam em gincanas. Este fato condiz com a visão de Silva (2011), segundo a


qual “As crianças representadas negras vão à escola, têm amigos de outras etnias e interagem com elas sem subalternidade. Praticam atividades de lazer.” (p. 34). Já no que se refere aos aspectos caricaturais foi possível perceber que as imagens dos negros possuem os mesmos traços que as das crianças brancas ou de outras etnias.

Embora haja igualdade no que toca a representação do negro no livro didático analisado, existem alguns pontos em que parece existir algum preconceito. Um destes pontos é o capítulo 9, intitulado “Tem raça de toda fé”, no qual, curiosamente, é utilizado o vocábulo *raça*, sendo este carregado de um sentido pejorativo na medida em que é usado para se referir a animais. Além disso, nesse capítulo, a maioria das personagens representadas por meio das imagens é negra, o que pode sugerir segregação uma vez que, nos demais capítulos, as imagens de brancos prevalecem.

A presença de segregação, contudo, parece não se limitar a este capítulo, já que no que toca aos textos presentes no livro didático constatamos que estes, em sua maioria, são de autoria de pessoas brancas.

Partindo dos dados fornecidos pela análise, constatamos que no livro didático analisado o negro não aparece majoritariamente como vítima de exclusão ou discriminação, contudo, é válido ressaltar que o mesmo ainda surge como minoria.

Embora na maioria das vezes o negro se apresente de forma igualitária no que toca aos papéis sociais e à intelectualidade relativamente a outras etnias, ainda foi possível observar ideias preconceituosas de forma pontual no livro didático, como destacamos anteriormente. Além disso, achamos “curioso” o fato de que, em meio a 283 imagens, apenas 56 possuem imagens de pessoas negras.

No entanto, em contrapartida, consideramos que isso já representa uma mudança de perspectiva dos livros didáticos, das escolas e até mesmo do entendimento e respeito aos documentos aqui explicitados – LDB, Constituição e PCNs. 

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, Senado, 1988.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, DF, 1996.

LÍNGUA PORTUGUESA. *Universos*. Língua Portuguesa, 9º ano/ obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por edições SM, editor responsável Rogério de Araújo Ramos. 1ª ed. São Paulo. 2012.

SILVA, Ana Célia. *A Representação social do Negro no Livro Didático: O que Mudou? Por que Mudou?*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2011.

JOSÉ ABÍLIO FERREIRA

## LADEIRAS DA MEMÓRIA: UMA NARRATIVA PAULISTANA

JOSÉ ABÍLIO FERREIRA

O presente artigo busca estabelecer relações de sentido entre a convocação feita pela UNESCO, quando proclama a Década Internacional dos Afrodescendentes, e as tramas urdidas pelas narrativas subjacentes ao espaço urbano da cidade de São Paulo. Veremos que tais narrativas, em constante construção, além de evidenciarem o papel da memória como instância de disputa política ao longo da história, são capazes de conectar partes aparentemente isoladas de um mesmo contexto.

Nossa referência é a região do Piques, assim denominada porque, segundo se acreditava, as ruas do entorno do profundo vale do ribeirão Anhangabaú ficavam todas “a pique”. Outra versão dá conta de que era ali que os tropeiros e suas mulas se punham “a pique” para se refazer das longas viagens ao sertão.

O fato é que o Piques representa o início da ocupação negra do bairro do Bexiga, o quilombo da Saracura, ainda durante o período escravista. Abrange a atual Praça das Bandeiras, no encontro entre as águas hoje canalizadas dos ribeirões Itororó (Avenida 23 de Maio) e Saracura (Avenida Nove de Julho), e também o Largo da Memória, onde o Itororó e o Saracura se encontram com o Anhangabaú (Corredor Norte-Sul).

O Largo da Memória, por sua vez, confunde-se fisicamente com a ladeira de mesmo nome – Ladeira da Memória –, que concorre com a comodidade das escadas rolantes da Estação Anhangabaú do Metrô para escalar a íngreme topografia existente entre as Ruas Formosa e Coronel Xavier de Toledo. No meio do Largo erguem-se um obelisco, considerado o primeiro monumento da história de São Paulo, e um chafariz, no topo do qual foi instalado, em 1919, um painel de azulejos que explicita a presença negra nos chafarizes da cidade.

Localizada fora dos limites do Triângulo Histórico (1), a região do Piques simboliza o primeiro passo de São Paulo na sua arrancada



em direção ao posto de maior cidade da América Latina, além de ser o primeiro de uma série de movimentos que se tornariam recorrentes no comportamento da cidade, que é transformar periferias em centralidades, sempre se expandindo e criando novas periferias, empurrando a maioria negra para os bairros mais distantes.

Exemplo mais recente desse fenômeno é Cidade Tiradentes, núcleo populacional de 219 mil habitantes, com mais de 50% de população negra, formado a partir de 1975, quando a Companhia Metropolitana de Habitação (COHAB) passou a construir conjuntos habitacionais nas áreas de mata atlântica da zona leste da cidade, situadas a mais de 35 km do marco zero. Para lá foram removidas milhares

Inauguração do Obelisco, de 1814, projeto do Eng. militar Daniel Pedro Muller, foi envolvido pelo conjunto escultórico com chafariz, frontão histórico, colonatas em *art nouveau*, projeto do arquiteto Victor Dubugras, inaugurado em 1922, Centenário da Independência do Brasil



© Divulgação do www.vivaceentro.org.br


cidade de São Paulo, estaremos realizando, na Casa da Fazenda-Cidade Tiradentes, prédio histórico onde havia uma senzala, evento visando o resgate do espaço como polo cultural da região. Serão palestras, conferências e exposições tendo o olhar voltado para o negro THEBAS, escravo que construiu o 1.º chafariz da cidade de São Paulo no ano de 1791. Esta interface Cultura e Educação vem ao encontro do Artigo 111 da I Conferência Municipal de Cultura de São Paulo.

Contamos com sua presença.

Endereço: Rua Sara Kubitschek, n.º 165, Cidade Tiradentes.

Realização: Parceria Coordenadoria de Educação, Subprefeitura Cidade Tiradentes e MOCUTI.”

O chafariz a que o texto se refere é o da Misericórdia. Ficava no largo de mesmo nome, no cruzamento entre as atuais Ruas Quintino Bocaiúva, Direita e Álvares Pentead, no coração do Triângulo Histórico. MOCUTI é o Movimento Cultural Cidade Tiradentes, organização que está na raiz de uma mobilização popular iniciada em 1991 em defesa da preservação da casa sede da Fazenda Santa Etelvina, cujas terras deram lugar a Cidade Tiradentes, considerado o maior complexo de conjuntos habitacionais da América Latina.

A Semana Thebas, assim grafada, foi executada, com recursos reunidos pelos próprios moradores, em seis ocasiões ao longo de 10 anos, até ser incluída no calendário oficial do aniversário da cidade de São Paulo por meio da Lei 16.190, de 28 de abril de 2015. Mas aqui começa outro capítulo, sem que o anterior tenha terminado. 

de famílias que antes pagavam aluguel em bairros tradicionais como Bexiga, Vila Prudente e Casa Verde. Formou-se ali, então, mais um “bairro-dormitório” como tantos espalhados pelas grandes cidades do mundo.

Esses indivíduos, obviamente, não ficaram confinados, já que ganham a vida se deslocando pelas malhas da cidade. Mais do que isso, mantêm viva, nas ladeiras das periferias, a memória ancestral impregnada em seus corpos e na fisionomia do espaço urbano. Não por acaso, consta do *Diário Oficial da Cidade de São Paulo*, na sua edição do dia 8 de janeiro de 2005 (pág. 29), o seguinte chamamento:

“SEMANA THEBAS: 10 a 30/01/2005  
Finalizando as festividades dos 450 anos da

(1) O chamado Triângulo Histórico é formado pelas Ruas 15 de Novembro, São Bento e José Bonifácio, e tem como vértices os conventos do Carmo, de São Bento e de São Francisco. Por 300 anos, o centro de São Paulo se resumiu a esse perímetro.



José Abílio Ferreira é escritor e jornalista. Integrante do grupo Quilombhoje – Literatura entre 1984 e 1990, é um dos 100 autores estudados na antologia crítica *Literatura e Afrodescendência no Brasil*, publicada em quatro volumes pela editora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2011. Atualmente, trabalha como assessor de comunicação da Subprefeitura Cidade Tiradentes, em São Paulo. Estudos críticos sobre a sua produção literária podem ser conferidos em [www.literafro.com.br](http://www.literafro.com.br)

# Casamento e moral

LIVRO DEFENDE  
MODELO DE  
CASAMENTO  
QUE ADMITE O  
ADULTÉRIO E  
ADMINISTRA O  
CIÚME

BERTRAND  
RUSSELL

*Casamento e moral*



**Casamento e moral,**  
Bertrand Russell,  
tradução Fernando  
Santos, Editora Unesp,  
248 p., R\$ 42



A pós fazer uma crítica violenta à moral sexual, demonstrando que suas bases ergueram-se ao longo dos séculos sobre tabus, mitos e necessidades ancestrais que já não se justificam, Bertrand Russell defende, em *Casamento e moral*, escrito em 1929, um modelo de casamento polêmico ainda hoje, que admite o adultério e administra o ciúme em nome do amor. Ele escreve: “A essência de um bom casamento é o respeito pela personalidade do outro combinado à profunda intimidade física, mental e espiritual que faz do amor sincero entre um homem e uma mulher a mais fecunda de todas as experiências humanas. Como tudo que é nobre e precioso, esse amor exige uma moral própria, e exige muitas vezes que se sacrifique o pouco em troca de algo superior”.

Russell pontua que as práticas matrimoniais desde os primórdios e em sociedades as mais


diversas sempre envolveram, nesta ordem, fatores instintivos, econômicos e religiosos, que se consolidaram ao se tornarem de algum modo úteis aos sistemas vigentes, ainda que sua origem tenha se perdido no tempo. É assim que, mesmo após a emancipação das mulheres e a democratização do acesso aos contraceptivos, persistiram as demandas de submissão feminina, costume imposto em decorrência da remota descoberta da paternidade.

Também continuam ecoando os princípios da ética cristã para o matrimônio, elaborados no antigo Império Romano durante o ascetismo, cuja origem não estaria nas crenças, como se pode inferir, mas na licenciosidade, entre outras razões mais obscuras. O casamento e a prostituição, adotados na civilização como meios de vida para as mulheres, teriam feito fenece o cortejo, defesa da natureza contra o



“cansaço sexual”. Sem a repressão de uma ética firme, os homens tenderiam a entregar-se aos excessos, banalizando a prática sexual a ponto de se cansarem dela.

Sem, contudo, conseguir expurgar a luxúria, a doutrina cristã ortodoxa passa a enxergar no matrimônio um meio de controlar o desejo: só permite o sexo entre os casados e, ainda assim, exclusivamente quando a prática tiver como meta a geração de filhos. Ou seja, o casamento cristão nasce para regulamentar o sexo, e não para legitimar a família.

Para Russell, porém, o casamento como instituição regulada pelo Estado só se justifica a partir do nascimento dos filhos, que demandam proteção, inclusive mais cuidadosa do que a proporcionada contemporaneamente. Já o amor sem filhos, propõe, pertence tão somente à esfera da vida privada. 

**Sobre o autor**  
**Bertrand Russell**  
 (1872-1970) foi um dos pensadores mais admiráveis do século 20. Filósofo, matemático, inovador na área da educação, defensor da liberdade intelectual, social e sexual, militante da paz e dos direitos humanos, também é autor de prolífica, popular e influente obra que lhe rendeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1950. Dele, a Editora Unesp publicou também *Por que os homens vão à guerra* e *Sobre a educação*, ambos em 2014.

### TRECHOS

O amor é muito mais que o desejo de ter relações sexuais; é a principal forma de escapar da solidão que aflige a maioria dos homens e mulheres durante a maior parte da vida. [...] O amor apaixonado correspondido, enquanto dura, acaba com esse sentimento; ele põe abaixo as sólidas paredes do ego, produzindo um novo ser composto de dois em um. [...] Aqueles que nunca conheceram a intimidade profunda e o companheirismo sincero que o amor correspondido traz perderam a melhor coisa que a vida tem a oferecer [...].

Outro obstáculo psicológico para o pleno desenvolvimento do amor no mundo moderno é o medo que muitas pessoas sentem de não conseguir preservar sua individualidade intacta. Trata-se de um medo tolo e relativamente recente. A individualidade não é um fim em si mesma; é algo que deve entrar em contato fértil com o mundo e, ao fazê-lo, deve perder sua unicidade. A individualidade que é mantida numa redoma definha, enquanto a que é usada livremente nos contatos humanos se enriquece.

Não existe nenhuma dúvida de que confinar a mente ao casamento contra todas as investidas amorosas vindas de fora significa tornar-se menos disponível e aberto e, além disso, reduzir as possibilidades de estabelecer relações humanas valiosas. Significa prejudicar algo que, da perspectiva mais idealista, é, em si mesmo, desejável. E, como todo tipo de moral restritiva, ela tende a estimular o que podemos chamar de visão policialesca do conjunto da vida humana – ou seja, a visão que está sempre buscando a oportunidade de proibir algo.

LUIZ GONZAGA MARCHEZAN



## Scola conta Fellini

FILME FOI LANÇADO NO FESTIVAL DE VENEZA DE 2013 E ENTROU EM CIRCUITO COMERCIAL NO BRASIL NESTE ANO

**Q**ue estranho chamar-se *Federico – Scola conta Fellini* (1929/1993) entrou recentemente em circuito comercial. A Mostra Internacional do Cinema de São Paulo exibiu-o em 2014, depois de lançado e premiado na 70.ª edição do Festival de Veneza de 2013, momento em que Ettore Scola homenageou 20 anos da morte de Federico Fellini.

O diretor de uma cinebiografia, tendo em mente uma celebridade, sua formação, trajetórias de vida, realizações, ligações com cidade e país de origem, depara-se com um inventário que lhe possibilita realizar tanto uma narrativa documentada, como outra oposta, ficcional; ambas envolvem-se com valores particulares, universais, históricos, que todos vivemos, uma vez que todos nos encontramos na vida diante de uma perspectiva de destino e próximos de informações, emoções, pensamentos de época.

Quis o destino que Ettore Scola, quando menino, lesse para o avô cego histórias em quadrinhos de Federico Fellini, veiculadas, na década de 40 do século passado, pelo jornal humorístico italiano *Marc'Aurèlio*. Como



também quis que ambos viessem a se conhecer na redação do mesmo jornal, uma vez que o jovenzinho Ettore Scola também iniciaria no *Marc'Aurélio* sua participação em tiras de humor. A vida e a Itália proporcionaram as demais circunstâncias que ambos juntos viveram por 50 anos. *Que estranho chamar-se Federico – Scola conta Fellini* (1929/1993) narra-nos passagens de uma amizade no curso da produção do melhor cinema italiano.

Os laços fraternos de amizade entre Scola e Fellini mostraram-se fortes em 1974, no belíssimo *Nós que nos amávamos tanto*, de Scola, que cita o set de filmagem de *A doce vida* com as tomadas realizadas na Fontana de Trevi, envolvendo Marcelo Mastroiani e Anita Ekberg. Scola apresenta-nos neste filme um senso de intervenção, um gesto cinematográfico, que repete em *Que estranho ...*. Trata-se da disposição inventiva de um discurso que se apropria livremente da memória para montar um elogio, ao mesmo tempo, equilibrado e emocionado próprio de um diretor independente, da fase mais rica do cinema italiano.


O elogio de 2013 – *Que estranho chamar-se Federico ...*, optou por adotar a poética felliniana: assume, como Federico em *Os boas vidas*, *Roma*, *A doce vida* e *Amarcord*, a autorrepresentação, no caso, com a figura do seu sócia, a fim de contracená-la com a do sócia de Fellini; além disso, como nas narrativas de *As tentações do doutor Antonio* e *Amarcord*, elege um narrador, utilizando-se ainda, por último, das instalações do Estúdio 5 da Cinecittá para as montagens com tomadas de Fellini filmando naquele Estúdio 5.

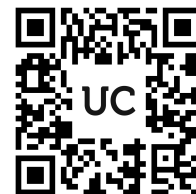
O mar é um elemento de mistério nos filmes de Federico Fellini, como vemos em *Os boas vidas*, *A estrada*, *Amarcord*, *E la nave va*, fator para Scola colocá-lo na abertura e encerramento do seu filme, com o Mestre, seu sócia, frente ao mar, em cadeira de diretor. O Federico Fellini de Ettore Scola muda-se de Rimini para Roma como o Moraldo de *Os boas vidas*, em partida pelo trem, sem distinguir o italiano da Emília Romana do alter ego do cineasta a caminho de Roma e da Cinecittá.

A seguir, expõe a amizade entre os dois, como nas simuladas situações do jornal *Marc'Aurélio*, num mesmo bar e em passeios noturnos por Roma em automóveis de Federico. Indica-nos, assim, que Gioconda passeia na Mercedes, com os sócias de Ettore e Federico, como a prostituta de *A doce vida*, no Cadillac preto de Madalena, ao lado de Marcelo (Anouk Aimee e Marcelo Mastroiani); do mesmo modo, demonstra-nos como o encontro entre eles, dentro do mesmo automóvel, pela noite, com um grupo enorme de motoqueiros na região central de Roma, revela-se idêntico às situações inicial e final do filme *Roma* de Fellini, como também, na continuidade do mesmo discurso, estabelece-nos que a visita de um chefe fascista na redação do *Marc'Aurélio* sanciona a situação do contexto histórico do fascismo italiano, conforme a do interrogatório e pri-

### O MAR É UM ELEMENTO DE MISTÉRIO NOS FILMES DE FEDERICO FELLINI, COMO OS BOAS VIDAS, A ESTRADA, AMARCORD E E LA NAVE VA

são do construtor, personagem de *Amarcord*.

As lembranças de Fellini por Scola precisaram considerar Mastroiani, que atuou na direção de ambos, portanto, numa cena em que a sócia da mãe de Marcelo dialoga com o sócia de Scola, a matrona observa-lhe que o filho não ficara bonitinho em *Casanova e a Revolução*. O engraçado é que para o seu Casanova, Federico testou, no papel do charlatão Giacomo Casanova (1725/1798), atores italianos – Vittorio Gassmann, Ugo Tognazzi, menos Marcelo, optando então por Donald Sutherland. Sabe-se que jamais convidou Marcelo para o papel. Ao que nos parece, pressentia que não agradaria a mãe do seu ator preferido na figura do Casanova. É o que nos transparece nos momentos finais do filme, em que tal evidência, humorada, coloca-se nas representações entre os sócias de Scola e de Fellini e da mãe de Marcelo, diante do mar, este, que permanece citado no seu mistério. 



Luiz Gonzaga Marchezan é professor de Teoria da Literatura na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, Câmpus de Araraquara.

# Reflexão sobre a música erudita na atualidade

GÊNERO PARECE TER SILENCIADO ENQUANTO FENÔMENO DE COMPOSIÇÃO

Compositor e pianista, Maurício Funcia de Bonis é professor assistente no Instituto de Artes (IA) da Unesp, em São Paulo, SP. No livro *Tabulae scriptae: a metalinguagem e as trajetórias de Henri Pousseur e Willy Corrêa de Oliveira*, realiza uma reflexão sobre a música erudita na atualidade, em que o gênero parece ter silenciado enquanto fenômeno de composição, restando de sonoro, muitas vezes, apenas as relações com os criadores do passado.

É tomada como balizamento a atuação crítica e criativa de dois compositores contemporâneos: o belga Henri Pousseur (1929-2009) e o brasileiro Willy Corrêa de Oliveira (1938). A expressão latina aplicada ao título do livro, *tabulae scriptae* (tábuas escritas), segundo o

Compositor, com participação regular em festivais nacionais e internacionais voltados à música contemporânea e atuação como pianista e como pesquisador nas áreas de Processos de criação, Análise, Composição, Citação e Metalinguagem na Música Contemporânea, ele mergulhou, neste livro, inicialmente, nas obras e nos textos teóricos dos compositores, apresentando as suas teorias para depois retratar as suas trajetórias artísticas.

Integram ainda o livro uma entrevista feita pelo autor, em 2012, com Willy Corrêa, além de relações de obras de Pousseur e Willy, organizadas pelos próprios compositores. Esses anexos, além de trazer importante contribuição para futuros pesquisadores, auxiliam a ter uma visão mais ampla das transformações ocorridas nos percursos criativos dos artistas ao longo do tempo.

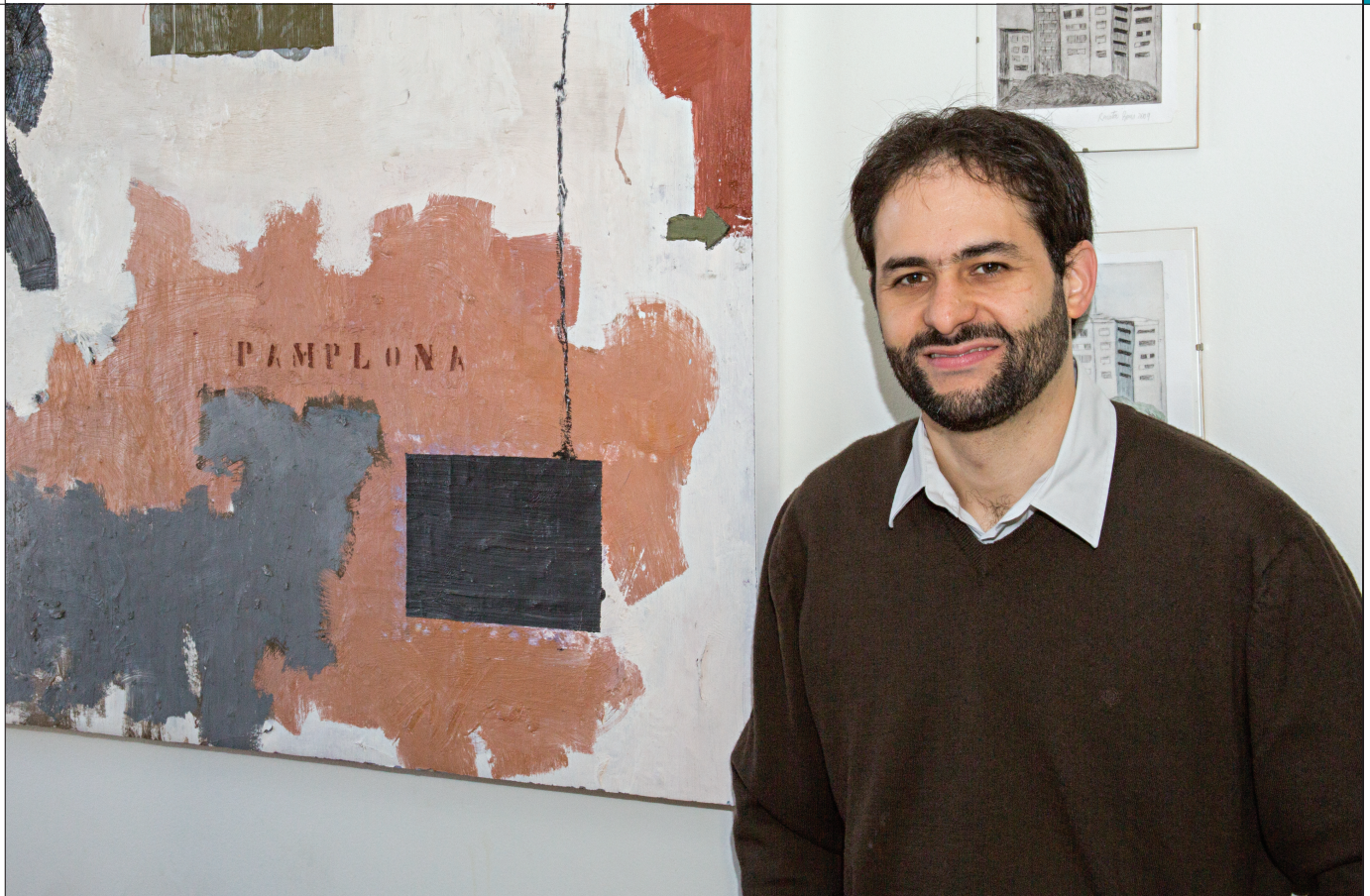
Versão em livro do doutorado do autor, o livro destaca Willy, de quem Bonis foi aluno, como um importante crítico da música contemporânea e fundamental na formação de uma geração. O professor do IA encontra espaço para indagar por que a música erudita está hoje em crise principalmente no que diz respeito a apresentar novas composições à sociedade.

Para realizar um melhor estudo da obra de Willy, o livro se volta para Pousseur, já que ambos têm pensamentos comuns. O compositor belga opunha-se a criadores como o francês Pierre Boulez (1925), por exemplo, que acreditava que a música contemporânea deveria simplesmente apagar a produção anterior para propor algo novo.

PROFESSOR INDAGA POR QUE A MÚSICA ERUDITA ESTÁ HOJE EM CRISE NA APRESENTAÇÃO DE NOVAS COMPOSIÇÕES À SOCIEDADE

autor, remete à ênfase sobre a metalinguagem na obra e no pensamento deles, que recusam a tendência à tábua rasa (tábua vazia), defendendo uma relação consciente da música com a história do seu tempo e das gerações anteriores.

Doutor em Música, Mestre e Bacharel com Habilitação em Composição pela USP, o autor já lecionou na Escola de Música do Estado de São Paulo (EMESP – Tom Jobim), onde também foi coordenador de Disciplinas de Apoio; na Faculdade Mozarteum de São Paulo (FAMOSP), e na Faculdade de Música Carlos Gomes.



© Daniel Patire

Boulez e Pousseur desenvolveram uma discussão tão tensa sobre o tema que mantiveram relações estremecidas por cerca de 20 anos. Enquanto o primeiro buscava, dentro de um princípio estruturalista, romper relações da música com a História, o segundo acreditava que o presente era uma construção que envolvia as experiências passadas e as atuais.


Essa discussão foi muito presente no começo dos anos 1960, principalmente na Europa, e trazia, naturalmente, uma forte carga ideológica e política. Pousseur tinha a convicção de que considerar o momento contemporâneo dava ao compositor melhor visão de mundo e trazia maiores frutos na sua produção crítica e musical.

Bonis, assim como Pousseur e Willy, entende a música como uma linguagem e prática de cunho social. Nesse processo metalinguístico de reflexão sobre a própria obra, as novas obras são criadas em um processo criativo saudável que enfrenta o passado e o presente de maneira crítica, não sob um processo de negação.

O compositor e o crítico poderiam então

buscar, para seu processo criativo, as tábuas escritas, ou seja, os diversos registros culturais que não seriam abandonados ou repetidos, mas renovados e reconstruídos num processo permanente de conhecimento de expressões conectadas com o seu tempo.

Para entender como os atuais compositores de música erudita se afastaram das estruturas de poder e perderam espaço para divulgarem suas expressões criativas, é preciso lembrar os elos entre esses criadores, no passado, com a igreja e as cortes. Com a mudança nas relações de trabalho e de poder, linguagens como o cinema de massa, mais ágeis, encontraram campo para ampliar a sua influência e expressão.

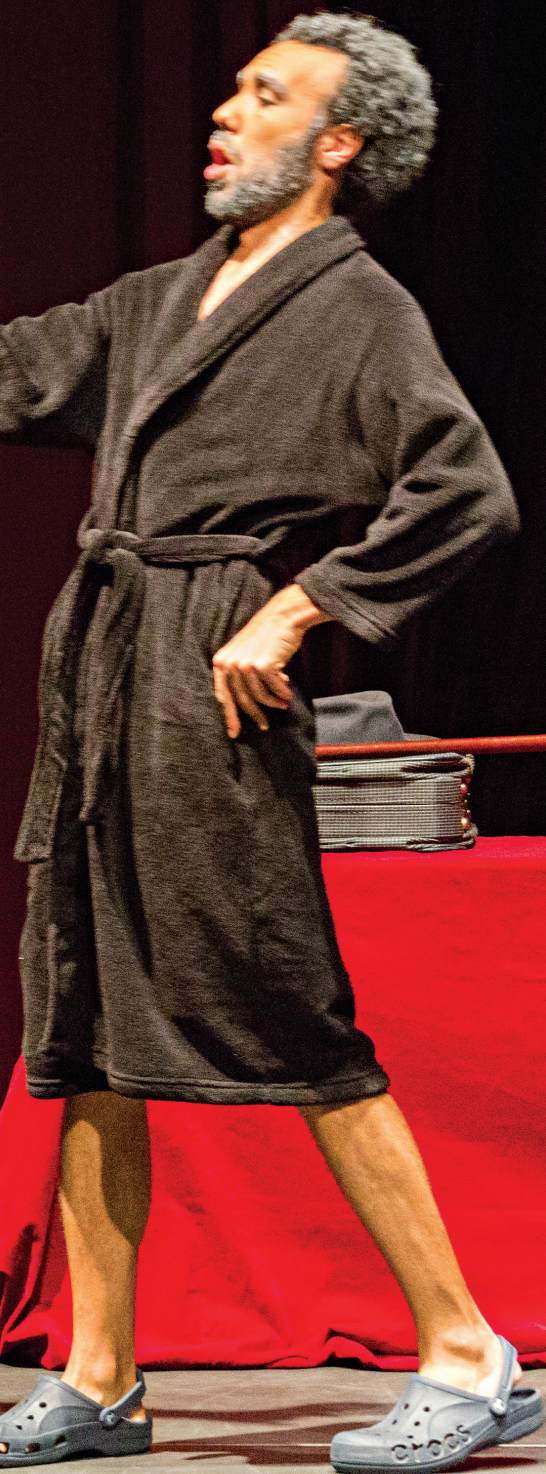
A música erudita, com sua abstração intrínseca, e pela demanda de um maior treinamento auditivo, para destrinchar nuances e referências, perdeu espaço, principalmente em suas vertentes mais contemporâneas e experimentais. Nesse aspecto, as discussões proporcionadas por Pousseur e Willy, estudadas no livro de Mauricio Funcia de Bonis, podem auxiliar a clarificar a questão. 



**Maurício Funcia de Bonis, Editora Unesp, 400 págs., download gratuito em [www.editora.unesp.br](http://www.editora.unesp.br)**







#### LA SERVA PADRONA

Idealizada pelo coordenador e diretor artístico Abel Rocha, ex-diretor do Theatro Municipal de São Paulo, SP, e atualmente diretor artístico, regente e titular da Orquestra Sinfônica de Santo André, a Fábrica de Óperas do Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo, SP, desenvolve-se desde 2013. Em junho último, durante quatro dias consecutivos, ocorreu o V Festival Fábrica de Óperas. Diversos títulos foram apresentados na íntegra por um elenco de 35 artistas. *La Serva Padrona*, de G. Battista Pergolesi (1710 – 1736), com direção Cênica de André Estevez, foi um deles. Os integrantes do grupo atuam em todos os espetáculos do Festival e se revezam em várias atividades previstas (solos, coros, iluminação, regência e interpretação). Para tanto, há a contribuição de professores dos cursos de bacharelado, licenciatura, alunos de canto, regência, Licenciatura em Educação Musical, artes cênicas e ex-alunos, além de pós-graduandos em áreas correlatas, que possam aplicar suas pesquisas de linguagem nos trabalhos exibidos.



© Arquivo pessoal



Valdemir Pires é economista e professor de Finanças e Orçamento da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 16 de julho de 2015.

## Manadas e futuro


J. M. Keynes é o teórico que introduziu na ciência econômica o conceito de expectativa e, a partir dele, permitiu que as emoções, o medo, a ansiedade e toda sorte de irracionalidades adentrassem o templo das decisões de investimento e de consumo, determinantes do nível de atividade e do bem-estar. Como os indivíduos decidem o destino de seus recursos com base no que avaliam que vai acontecer amanhã, este amanhã terá, necessariamente, as características que eles previamente acharam que teria.

Não é que os indivíduos sejam considerados irracionais. É que sua racionalidade tem por base o que Keynes chamou de juízos convencionais: uma percepção aproximada da realidade, formada a partir do que cada um entende que os demais, no conjunto ou em sua maioria, acham. Se um investidor pensa que os demais irão se retirar da produção, vai recuar, também – e o investimento, por somatório, vai cair. O chamado comportamento de manada.

Ora, pois, se os indivíduos – investidores e consumidores – são bombardeados com informações equivocadas, incompletas ou enviesadas, e não têm como se defender do mar de desinformação que isso representa, seus juízos convencionais serão afetados, para bem ou para mal, e seu comportamento de manada, conduzido, no caso de momento de pessimismo, para a ladeira. E os agentes da desinformação

jamais serão punidos pelo mal que fizeram, porque não há lei que possa caracterizar o delito, que, em determinadas circunstâncias, é terrorismo.

O Brasil passa por um momento econômico difícil, mas não tão difícil como o que atravessou de 1999 a 2001, em que foi obrigado a recorrer a um empréstimo do FMI. Naqueles anos todos os fundamentos macroeconômicos – exceto o nível geral de preços – estavam fragilíssimos, e a economia vinha de um longo período de crescimento rastejante. No momento atual, os fundamentos macroeconômicos estão bem mais sólidos e não adentraram uma zona de grande perigo, propriamente dito (o governo já se mobilizando para enfrentá-lo), enquanto que o crescimento dos últimos anos foi bem razoável, além de terem sido melhor distribuídos os seus resultados. O pessimismo, porém, nem se compara com o que havia no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 – basta retomar os noticiários e manifestações de opinião da época. O que explica essa acidez exacerbada, que tentam jogar nas costas de um único grupo?

Que cada um encontre a sua resposta, mas, sobretudo, que cada um tome consciência de que não fossem as gotas, não haveria oceano; não fossem os interesses inconfessáveis, não haveria sabotagens; não fossem as irresponsabilidades, não seria necessária a vigilância. 

# LIVRARIA UNESP

3 CAMINHOS PARA O LEITOR



## LIVRARIA UNESP

Pça. da Sé, 108 – São Paulo/SP  
2<sup>a</sup>. a 6<sup>a</sup>. das 9h às 19h  
Sábados das 9h às 13h  
[livraria@editora.unesp.br](mailto:livraria@editora.unesp.br)

## LIVRARIA UNESP MÓVEL

Livros por todos os caminhos  
[livrariamovel@editora.unesp.br](mailto:livrariamovel@editora.unesp.br)



## LIVRARIA UNESP VIRTUAL

Referência on line em livros universitários  
[livrariavirtual@editora.unesp.br](mailto:livrariavirtual@editora.unesp.br)



# LIVROS DIGITAIS GRATUITOS

você já baixou o seu?

São mais de 400 títulos disponíveis em todas as áreas do conhecimento.

Acesse o nosso site ou utilize o leitor de QR Code.



**cultura  
acadêmica**

[culturaacademica.com.br](http://culturaacademica.com.br)



[editoraunesp.com.br](http://editoraunesp.com.br)

